

# CONVERGÊNCIA



- Solidariedade e paz
- Antítese da violência na Bíblia
- Vida consagrada: amor sólido numa sociedade de laços frágeis
- "Cavalaria Ligeira" de ontem, equipe itinerante de hoje
- Ética e espiritualidade em favor da vida no Universo



CRB

# Sumário

EDITORIAL .....	65
PALAVRA DO PAPA .....	70
INFORME CRB .....	74
ARTIGOS .....	79
Solidariedade e Paz .....	79
JOHAN KONINGS, SJ	
Antítese da violência na Bíblia .....	84
LUIS I.J. STADELMANN, SJ	
Vida consagrada: amor sólido numa sociedade de laços frágeis .....	99
MARCOS SANDRINI, SDB	
"Cavalaria Ligeira" de ontem, equipe itinerante de hoje .....	113
ARIZETE MIRANDA DINELLY CSA, VANILDO PEREIRA SJ E FERNANDO LÓPEZ SJ	
Ética e espiritualidade em favor da vida no Universo .....	118
FREI MARCIO HENRIQUE PEREIRA, OFM	

*A ilustração da capa da Convergência de 2005, do artista Anderson S. Pereira, MSC – Rio de Janeiro/RJ, apresenta elementos simbólicos estilizados: a tenda, símbolo de desinstalação, de busca do essencial; a mão, sinal da presença aconchegante de Deus; a lâmpada, evocação da luz do Espírito; o caminho, sinal de itinerância do povo de Deus. Tudo converge para o horizonte do futuro, para o Sol da Vida, sob o signo da Cruz do Ressuscitado.*

*O projeto gráfico da capa foi elaborado pelo designer Luiz Henrique Sales – Rio de Janeiro/RJ.*



## CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

**DIRETORA RESPONSÁVEL:**  
Ir. Maris Bolzan, SDB

**REDATOR RESPONSÁVEL:**  
Pe. Marcos de Lima, SDB  
(Reg. 12679/78)

**EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:**  
**Coordenadora:**  
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

**Conselho Editorial:**  
Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, NJ  
Pe. Francisco Taborda, SJ  
Pe. Jaldemir Vitório, SJ  
Pe. Cleto Caliman, SDB

**DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:**  
Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar  
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel. (21) 2240-7299  
Fax (21) 2240-4486  
E-mail: [crb@crbnacional.org.br](mailto:crb@crbnacional.org.br)

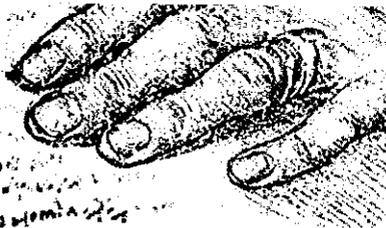
**PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:**  
**LetraCapital Editora**  
Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402  
CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel. (21) 2215-3781  
Fax (21) 2224-7071  
E-mail: [letracapital@letracapital.com.br](mailto:letracapital@letracapital.com.br)

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

*Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*

<b>Assinatura</b>	Brasil: R\$ 85,00
<b>Anual</b>	Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)
<b>para 2005</b>	Números avulsos: R\$ 8,50 ou US\$ 8,00

# Editorial



## Coerência na vida e na morte

IR. MARIA CARMELITA DE FREITAS, FI

Um novo nome acaba de inscrever-se no já extenso martiriológico latino-americano das últimas décadas: o da Ir. Dorothy Stang, 73 anos, da Congregação das Irs. de Notre Dame de Namur, de origem norte-americana, naturalizada brasileira e cidadã do Pará. Desde que chegou ao Brasil, há trinta e sete anos, Ir. Dorothy abraçou a causa dos pequenos e excluídos. Na época do seu assassinato, vivia em Anapu, uma área de conhecidos conflitos de terra e vinha sofrendo ameaças de morte desde 1999.

Lamentando o episódio e pedindo justiça, a Comissão Pastoral da Terra disse numa nota à imprensa: "O inqualificável assassinato de Ir. Dorothy Stang, traz para nós a memória de um passado que julgávamos encerrado. É a primeira morte de um agente da Comissão Pastoral da Terra, neste governo do presidente Lula. A sanha de fazendeiros e madeireiros da região não respeita nada, e até a ação de uma religiosa idosa se torna para eles um obstáculo para a consecução dos seus objetivos. Se a vida de uma religiosa indefesa é tirada

desta forma, como não são tratados os trabalhadores e trabalhadoras do campo! Preferíamos que não fosse assim. Mas, infelizmente, Ir. Dorothy é mais uma mártir da Pastoral da Terra".

O fato deixou claro mais uma vez que os interesses econômicos e políticos de pequenas minorias continuam prevalecendo sobre os ideais de respeito à Vida e à dignidade da pessoa humana.

Constituiu também uma ocasião propícia para tomar consciência de que um novo sopro do Espírito está abrindo caminhos novos de compromisso missionário e suscitando novas formas de relacionar-se com Deus e com os irmãos, de discernir os signos do Espírito na realidade, de articular oração e vida, contemplação e lutas de libertação, amor a Deus e compromisso com os mais espoliados do sistema vigente, até as últimas conseqüências.

Nessa nova torrente de vida cristã, da qual a Igreja e a Vida Religiosa estão chamadas a se reabastecer no momento atual, a raiz mais profunda é a Palavra de Deus, ouvida e discernida no cotidiano do povo

pobre e excluído, sob a inspiração do Espírito. Nesse árduo caminho, há rupturas e continuidade, permitindo que o núcleo fundamental de toda a tradição cristã de espiritualidade – a fé no Deus de Jesus Cristo – se re-crie e se re-exprese nas novas situações históricas. Uma periferia violenta ou uma região agrária de conflitos exacerbados, não se assemelham a um templo bem decorado ou a um espaço sacral onde o tumulto das lutas cotidianas pela sobrevivência pode ficar neutralizado ou amenizado. O testemunho daqueles que mais decididamente encarnam em sua vida e opções essa nova maneira de ser religioso/a em meio às contradições do mundo atual, em contextos de conflito, de extrema pobreza e mesmo de miséria é eloqüente. Para eles, nessa “novidade” do experimentar Deus a partir do conflito e da solidariedade com as vítimas do sistema, os moldes tradicionais de espiritualidade e de missão se tornam insuficientes ou se rompem. Não é possível orar da mesma maneira de sempre, nem atuar da mesma maneira. Em muitas ocasiões é preciso enfrentar situações que exigem purificações profundas. A vida ameaçada e violenta quebra os velhos moldes de estruturas e práticas comumente reconhecidas como as mais adequadas.

No momento atual, o agudizar-se da situação sócio-econômica de nossos povos e os conflitos que nascem daí – como deixou claro mais uma vez o assassinato da Ir. Dorothy – estão urgindo religiosas e religiosos a seguir aprofundando nas fontes desse *novo jeito* de assumir o compromisso com a causa de Jesus na Vida Religiosa, a partir do povo e junto com o povo. Nesse sentido, dois desafios pa-

recem revestir caráter de especial urgência. Em primeiro lugar o desafio de prosseguir conjugando mística e profecia. Ou seja, de prosseguir assumindo a coragem de anunciar o Deus da Vida experimentado em situações de morte. A experiência profética arranca precisamente dessa peculiar experiência de Deus, que faz o profeta sensível aos sinais da presença de Deus na história e dos seus desígnios para a humanidade. É a partir dessa experiência que o profeta abre os ouvidos e o coração ao clamor dos pequenos e oprimidos, e se faz voz denunciadora de todas as situações humanas contraditórias com o projeto de Deus, mesmo sabendo que sua cabeça pode estar a prêmio.

Portanto, continuar articulando mística e profecia, fé e luta pela justiça, num mundo trabalhado pelas forças da desintegração social e da negação do Deus da vida, constitui, sem dúvida um desafio que continuará impondo-se à Igreja e à Vida Religiosa nos próximos anos e para o qual a Campanha da Fraternidade de 2005 chama a nossa atenção. Mas o profeta tem geralmente um destino trágico. Deve passar pela experiência da contradição e da morte (simbólica ou física). Trata-se de uma experiência inerente a sua vocação. Nessas circunstâncias, a experiência martirial torna-se uma possibilidade sempre próxima e iminente. E isso nos conecta diretamente com a experiência cristã dos primeiros séculos, com a comunidade eclesial das origens e, sobretudo, com a grande tradição do seguimento de Jesus que veio entregar a vida, a fim de que todos tenham vida.

O outro desafio vai no sentido de re-

alimentar a própria esperança e a esperança do povo, em meio a situações de cansaço, de desalento, de frustrações, de não saber por onde ir, de perseguição e de martírio. É a transposição concreta e existencial para o hoje do nosso País, da experiência paulina do *esperar contra toda esperança*, porque “outro mundo é possível”.

Nesta hora de dor e de esperança, a Vida Religiosa do Brasil, particularmente a Vida Religiosa feminina, está sendo questionada profundamente pelo martírio de Ir. Dorothy Stang na sua coerência com o caminho de evangelho pelo qual optou, e no qual os pequenos e indefesos são os primeiros.

Convergência deste mês de março, quando avançamos na nossa *peregrinação* quarismal rumo à Vida Nova no Ressuscitado, quer fazer chegar aos leitores, com os votos de Santa Páscoa, um rico material de reflexão e de oração, apto a iluminar e questionar o seu compromisso com o seguimento de Jesus até a morte.

“Solidariedade e paz” – de Johan Kornings, SJ, – é um texto breve, mas sugestivo e iluminador. O autor começa o texto tecendo interessantes comentários às palavras finais do Salmo 85[84], que, na sua apreciação evocam com alta densidade poética a ‘economia’, o intercâmbio entre o céu e a terra, Deus e o ser humano. Esses comentários colocam em relevo os fundamentos bíblicos da Campanha da Fraternidade de 2005, e constituem um valioso subsídio para as comunidades aprofundarem a dimensão bíblica da temática da Campanha e o sentido cristão da solidariedade e da paz num mundo dividido e violento. Para o autor, a “cele-

bração por excelência da Nova Aliança, que é a Eucaristia, deve ser a celebração da solidariedade, da *hesed* cristã. Celebrar sem solidariedade é pecar contra o ‘corpo’ de Cristo, o seu corpo pneumático, místico, que é a comunidade eclesial, principalmente os pobres em seu seio”.

Luis Stadelmann, SJ no seu artigo – “Antítese da violência na Bíblia” – trata, com sua conhecida competência na área bíblica a temática da violência que hoje adquiriu uma peculiar importância, em nível mundial. Para o autor, manifestações de extremismo religioso sempre existiam em todas as religiões. Mas esses extremismos não têm nada a ver com a violência nas relações humanas em áreas de conflito a ponto de provocarem uma crise mundial que abala profundamente a todos os continentes, sob o pretexto de fanatismo religioso. Nessas circunstâncias é imperativo analisar os textos da Bíblia e do Alcorão para ver se neles está o foco da violência armada, inspirando tendências violentas ou alimentando uma mentalidade agressiva, ou então provocando movimentos de espiritualidade como compromisso no mundo com a finalidade de acirrar o conflito entre culturas e religiões em luta pela hegemonia. Depois de acurado estudo de textos bíblicos, o autor conclui que “é tarefa das mais urgentes dos líderes das religiões e dos governos encaminhar a Justiça Preventiva como medida de solucionar os conflitos e reconciliar os indivíduos que se digladiam com violência sem medir as consequências, correndo o risco de causar uma catástrofe final”. A Vida Religiosa está chamada a somar-se a esse esforço em prol da justiça e da paz.

O artigo de Marcos Sandrini, SDB – “Vida Consagrada: amor sólido numa sociedade de laços frágeis” – é um texto de particular atualidade. Nele o autor trata questões que se apresentam hoje como prioritárias na Vida Religiosa, sobretudo no processo da formação. A influência da sociedade pós-moderna na maneira de compreender e de viver compromissos pessoais e coletivos, sobretudo os de caráter religioso, é analisada pelo autor de maneira bastante lúcida. São postos em evidência, ao longo do texto, problemáticas e desafios novos com os quais a Vida Religiosa necessariamente tem que se defrontar. O significado de refundar a Vida Consagrada numa sociedade líquida de laços frágeis é a pergunta básica que atravessa o artigo transversalmente. O autor conclui lembrando que vivemos um tempo de contemporaneidade incontestável, que vivemos todos no mesmo tempo cronológico, mas nem todos vivemos no mesmo tempo histórico e *kairótico*, e isto coloca desafios enormes para a vida das organizações e instituições. “Nunca as possibilidades de humanização do mundo foram tão grandes e, ao mesmo tempo, nunca se concentrou tanto poder nas mãos de tão pouca gente”. Nesse contexto, a Vida Religiosa precisa estar preparada para colaborar na construção de uma civilização da paz fundada na justiça.

“Cavalaria ligeira de ontem, equipes itinerantes de hoje” – é um texto de caráter testemunhal, elaborado por Arizete Miranda Dinelly CSA, Vanildo Pereira SJ e Fernando Lopes SJ. Com esse texto, os autores querem compartilhar com religiosos e religiosas do Brasil a sua experiência de itinerância missionária. Precisamen-

te por isso, o texto tem um estilo coloquial e narrativo. Descreve o itinerário apostólico de um pequeno grupo decidido a ser presença evangelizadora itinerante num contexto de pobreza e exclusão – a região Amazônica brasileira. Os desafios dessa nova forma de viver a missão são apresentados de forma sugestiva e transparente, suscitando interesse e admiração pelo processo vivido pelo grupo. São um convite a continuar abrindo caminhos e buscando formas novas de ser presença evangelizadora no mundo excludente de hoje, assumindo uma espiritualidade condizente com o novo estilo de vida: *“Itinerar, interna e geograficamente, deixando-nos conduzir pela brisa do Espírito de Deus, discernindo sua Vontade, no cotidiano da vida dos pobres, diferentes e excluídos”*. Uma espiritualidade que supõe *“sair de si para descer ao encontro e ao serviço dos outros, mobilidade e agilidade, complementaridade e corresponsabilidade, inculturação, diálogo intercultural e inter-religioso, amizade, solidariedade e fraternidade, bom humor para rir-se das limitações próprias e dos outros”*.

“Ética e espiritualidade em favor da vida no Universo” – de Frei Marcio Henrique Pereira, ofm – é um texto interessante e provocativo, de grande atualidade. O autor lembra, no início do texto, que “tratar de meio ambiente em nossos dias tornou-se um lugar-comum. Todos falam, a mídia propala, a sociedade se sensibiliza... Há nisto evidentemente um aspecto bastante positivo, concernente à sensibilização social diante do tema e porque, pela primeira vez na história, estamos diante de verdadeiro risco (e não ape-

nas ameaça) de “destruição” planetária, em virtude da acelerada depreciação ambiental”. Mas o autor lembra também “que a vulgarização do tema pode conduzir a seu desprestígio, a concebê-lo como um assunto em voga, em que todos sabem tudo de coisa alguma: um vazio epistemológico”, e afirma que o tema precisa ser objeto de uma abordagem transdisciplinar. É nessa perspectiva que o artigo está pensado e elaborado. Em primeiro lugar o texto esclarece os conceitos de éti-

ca e de espiritualidade para, a partir dessa conceituação desenvolver a relação da teologia cristã acerca do Espírito e a Nova Criação, como expressão de um saber ambiental, e a espiritualidade franciscana. No final do artigo, o autor propõe algumas perspectivas para se construir um saber ambiental perpassado de uma nova ética e espiritualidade. O texto pode ajudar as comunidades a refletir sobre essa temática de especial atualidade. Merece ser lido e debatido com interesse.

**“Nessa nova torrente de vida cristã, da qual a Igreja e a Vida Religiosa estão chamadas a se reabastecer no momento atual, a raiz mais profunda é a Palavra de Deus, ouvida e discernida no cotidiano do povo pobre e excluído, sob a inspiração do Espírito.”**

# Palavra do Papa

## Mensagem do Papa João Paulo II para o XIII Dia Mundial do Doente – 2005 –

### Cristo, esperança para a África

1. Em 2005, depois de dez anos, será de novo a África que hospeda as celebrações principais do Dia Mundial do Doente, que se realizarão no Santuário de Maria Rainha dos Apóstolos, em Iaundé, nos Camarões. Esta escolha dará a oportunidade para manifestar a solidariedade concreta às populações daquele Continente, atormentadas por graves carências no campo da saúde. Assim, será dado um ulterior passo na concretização do compromisso que os cristãos da África, há dez anos, assumiram durante o terceiro Dia Mundial do Doente, isto é, tornarem-se “bons samaritanos” dos irmãos e irmãs em dificuldade.

Com efeito, na exortação pós-sinodal *Ecclesia in Africa*, retomando as observações de muitos Países sinodais, escrevi que “a África atual pode ser comparada com aquele homem que descia de Jerusalém para Jericó; ele cai nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e espancaram, o abandonaram, deixando-o meio morto (cf. Lc 10,30-37)”. E acrescentei que “a África

é um Continente onde inumeráveis seres humanos homens e mulheres, crianças e jovens jazem, de algum modo, prostrados na margem da estrada, doentes, feridos, indefesos, marginalizados e abandonados. Têm extrema necessidade de bons Samaritanos que venham em sua ajuda” (n. 41: AAS 88 [1996], 27).

2. O Dia Mundial do Doente tem também por finalidade estimular a reflexão sobre a noção de saúde, que no seu significado mais completo faz também alusão a uma situação de harmonia do ser humano consigo mesmo e com o mundo que o circunda. É precisamente esta visão que a África exprime de modo bastante rico na sua tradição cultural, como testemunham as numerosas manifestações artísticas, quer civis quer religiosas, cheias de sentido jubiloso, de ritmo e musicalidade.

Mas, infelizmente, esta harmonia está hoje profundamente perturbada. Numerosas doenças devastam o Continente, e entre todas sobretudo o flagelo da Sida, “que

semeia sofrimento e morte em numerosas zonas da África" (Ibid., n. 116; l.c., 69). Os conflitos e as guerras, que afligem muitas regiões africanas, tornam mais difíceis as intervenções destinadas a prevenir e curar estas doenças. Nos campos dos pró-fugos e dos refugiados jazem muitas vezes pessoas privadas até dos alimentos indispensáveis para a sobrevivência.

Exorto quantos têm a possibilidade, a comprometerem-se profundamente para pôr fim a semelhantes tragédias (cf. Ibid., n. 117; l.c., 69-70). Recordo também aos responsáveis do comércio de armas o que escrevi nesse documento: "Aqueles que alimentam as guerras em África, por meio do tráfico de armas, são cúmplices de odiosos crimes contra a humanidade" (Ibid., n. 118, l.c., 70).

3. Quanto ao drama da Sida, já tive a ocasião de realçar noutras circunstâncias que ele se apresenta também como uma "patologia do espírito". Para a combater de maneira responsável, é preciso incrementar a sua prevenção mediante a educação para o respeito do valor sagrado da vida e da formação na prática correta da sexualidade. Com efeito, se são muitas as infecções por contágio através do sangue especialmente durante a gestação infecções que devem ser combatidas com todos os meios muito mais numerosas são as que se contraem por via sexual, e que podem ser evitadas sobretudo mediante um comportamento responsável e a observância da virtude da castidade.

Os Bispos participantes no mencionado Sínodo para a África de 1994, referindo-se à incidência que os comportamentos sexuais irresponsáveis têm na doença, formularam uma recomendação que gostaria de propor aqui: "A amizade, a ale-

gria, a felicidade e a paz que o matrimônio cristão e a fidelidade proporcionam, bem como a segurança que a castidade oferece, devem ser continuamente apresentados aos fiéis, particularmente aos jovens" (Exort. apost. *Ecclesia in Africa*, 116; AAS 88 [1996] 69).

4. Todos devem sentir-se comprometidos na luta contra a Sida. Compete aos governantes e às autoridades civis fornecer, sempre acerca deste assunto, informações claras e corretas ao serviço dos cidadãos, assim como dedicar à educação dos jovens e à cura da saúde recursos suficientes. Encorajo os Organizadores internacionais a promover, neste âmbito, iniciativas inspiradas na sabedoria e na solidariedade, tendo sempre como finalidade defender a dignidade humana e tutelar o direito inviolável à vida.

Dirijo um sentido reconhecimento às indústrias farmacêuticas que se comprometem a manter baixos os preços dos remédios úteis na cura da Sida. Sem dúvida, são necessários recursos econômicos para a investigação científica no âmbito da saúde e são ainda necessários outros recursos para tornar comerciáveis os remédios descobertos, mas perante emergências como a Sida, a salvaguarda da vida humana deve vir antes de qualquer outra avaliação.

Peço aos agentes pastorais "que levem aos irmãos e irmãs atingidos pela Sida todo o conforto possível, tanto material como moral e espiritual. Aos cientistas e aos responsáveis políticos de todo o mundo peço, com grande insistência, que, movidos pelo amor e pelo respeito devido a cada pessoa humana, não olhem a despesas na busca dos meios capazes de pôr fim a este flagelo" (Exort. apost. *Ecclesia in Africa*, 116; l.c.).

Gostaria de recordar aqui com admiração, de modo particular, as numerosas pessoas que trabalham no campo da saúde, os assistentes religiosos e os voluntários que, como bons Samaritanos, dedicam a sua vida às vítimas da Sida e se ocupam dos seus familiares. É precioso, a este propósito, o serviço que prestam milhares de instituições de saúde católicas que socorrem, por vezes de modo heróico, todos os que na África são atingidos por todas as formas de enfermidade, sobretudo pela Sida, pela malária e pela tuberculose.

Durante os últimos anos, pude verificar que os meus apelos a favor das vítimas da Sida não são vãos. Vi com prazer que diversos Países e instituições apoiaram, coordenaram os esforços, campanhas concretas de prevenção e cura dos doentes.

5. Dirijo-me agora, de modo especial, a vós, queridos Irmãos Bispos das Conferências Episcopais dos outros Continentes, para que vos unais generosamente aos Pastores da África para enfrentar eficazmente esta e outras emergências. O Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde não deixará de oferecer, como fez no passado, o próprio contributo para coordenar e promover tal cooperação, solicitando o contributo efetivo de todas as Conferências Episcopais.

A atenção que a Igreja dedica aos problemas da África é motivada apenas por razões de compaixão filantrópica para com o homem necessitado, mas é também estimulada pela adesão a Cristo Redentor, cujo rosto ela reconhece nas feições de cada pessoa que sofre. É por conseguinte a fé que a estimula a comprometer-se profundamente na cura dos doentes, como fez sempre ao longo da his-

tória. É a esperança que a torna capaz de perseverar nesta missão, apesar dos obstáculos de todos os tipos que encontra. Por fim, é a caridade que lhe sugere a aproximação justa às diversas situações, permitindo-lhe compreender as peculiaridades de cada uma e corresponder-lhes.

Com esta atitude de partilha profunda, a Igreja vai ao encontro dos feridos da vida, para lhes oferecer o amor de Cristo mediante as numerosas formas de ajuda que a "fantasia da caridade" (Carta apost. Novo millennio ineunte, 50) lhe sugere para os socorrer. Cristo sofre contigo. E tu, oferecendo os teus sofrimentos, podes colaborar com Ele para a redenção do mundo.

6. A celebração anual do Dia Mundial do Doente oferece a todos a possibilidade de compreender melhor a importância da pastoral da saúde. Na nossa época, marcada por uma cultura impregnada de secularismo, por vezes somos tentados a não valorizar plenamente este âmbito pastoral. Pensamos que são outros os âmbitos onde se joga o destino do homem. Ao contrário, é precisamente no momento da doença que se apresenta com mais urgência a necessidade de encontrar respostas adequadas para as questões relativas à vida do homem: as questões acerca do sentido do sofrimento e da própria morte, considerada não apenas como um enigma com o qual nos confrontamos com dificuldade, mas como mistério no qual Cristo incorpora a Si a nossa existência, abrindo-a para um nascimento novo e definitivo que jamais terá fim.

Encontra-se em Cristo a esperança a saúde plena e verdadeira, a salvação que Ele dá é a verdadeira resposta aos interrogativos últimos do homem. Não há contradição entre saúde eterna, a partir do momen-

to que o Senhor morreu pela saúde integral do homem e de todos os homens (cf. 1Pd 1,2-5; Liturgia da Sexta-Feira Santa, Adoração da Cruz). A salvação constitui o conteúdo final da Nova Aliança.

Por conseguinte, no próximo Dia Mundial do Doente desejamos proclamar a esperança da saúde plena para a África e para toda a humanidade, comprometendo-nos a trabalhar com maior determinação ao serviço desta grande causa.

7. Na página evangélica das Bem-Aventuranças, o Senhor proclama: "Felizes os que choram, porque serão consolados" (Mt 5, 4). A contradição que parece haver entre o sofrimento e a alegria é superada graças à ação consoladora do Espírito Santo. Configurando-nos com o mistério de Cristo crucificado e ressuscitado, o Espírito conduz-nos desde já para a alegria que alcançará a sua plenitude no encontro beatificante com o Redentor. Na realidade, o ser humano não aspira apenas a um bem-estar físico ou espiritual, mas a uma "saúde" que se expresse numa harmonia total com Deus, consigo mesmo e com a humanidade. Alcança-se esta meta unicamente através do mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo.

Maria Santíssima oferece-nos uma antecipação eloqüente desta realidade escatológica sobretudo através dos mistérios da sua Imaculada Conceição e da sua Assunção ao Céu. Nela, concebida sem mancha de pecado, é total a disponibilidade quer à vontade de Deus quer ao serviço dos homens, e, por conseguinte, é plena a harmonia profunda da qual brota a alegria.

Portanto, justamente nos dirigimos a Ela invocando-a como "Causa da nossa alegria". A alegria que a Virgem nos dá permanece também no meio das provas. Contudo, ao pensar na África dotada de enormes recursos humanos, culturais e religiosos, mas também atormentada por sofrimentos indizíveis, surge espontânea nos lábios a oração insistente:

Maria, Virgem Imaculada,  
Mulher do sofrimento  
e da Esperança,  
sê bondosa com todas as pessoas  
que sofrem e obtém para cada uma  
a plenitude da vida.

Dirige o teu olhar materno  
sobretudo para quantos em África  
vivem na necessidade extrema,  
porque foram atingidos pela Sida  
ou por outra doença mortal.

Vela sobre as mães  
que choram os seus filhos;  
vela sobre os avós  
privados dos recursos suficientes  
para sustentar os netos  
que ficaram órfãos.

Estreita todos  
ao teu coração de Mãe.

Rainha da África  
e do mundo inteiro,  
Virgem Santíssima, reza por nós!

*Joannes Paulus n. II*



## I. Seminário da CRB Nacional no Fórum Social Mundial:

### Contribuição da Vida Religiosa na construção de um “Outro Mundo Possível”.

A quinta edição do Fórum Social Mundial foi, sem dúvida, expressão da grande diversidade planetária preocupada com os destinos da humanidade e do planeta. Vozes dos mais diferentes espaços geográficos da nossa Mãe terra se uniram na busca de alternativas que viabilizam a construção de “um outro Mundo Possível”, o mundo que o Deus da Vida e da Ternura projetou para a humanidade, em que os valores da paz, da justiça, da solidariedade, da igualdade social e do cuidado com a vida, em todas as suas dimensões, sejam expressão da fraternidade e irmandade universal.

O 5º Fórum Social Mundial contou com a participação de mais de 155 mil pessoas de 135 países diferentes. As 6.588 organizações presentes no fórum realizaram mais de 2.500 atividades durante os quatro dias, apresentando, no final do evento, 352 propostas que nortearão ou

não a possibilidade deste “outro Mundo” que sonhamos ver acontecer.

A Vida Religiosa do Brasil e de outros países marcaram presença significativa. Havia religiosos/as representando diversas organizações onde atuam; outros/as coordenando oficinas e seminários, visibilizando, assim, uma vida religiosa inserida nas questões que dizem respeito ao futuro da humanidade, uma vida religiosa solidária, voltada para promoção da vida e da dignidade das pessoas.

O Seminário promovido pela CRB Nacional, com o tema **Contribuição da Vida Religiosa na construção de um “Outro Mundo Possível”**, contou com a participação de um grande número de religiosos e religiosas. A mesa foi coordenada por Ir. Eurides Alves de Oliveira e Ir. Terezinha A. Sotopietra, membros da Diretoria da CRB Nacional. Ir. Maris Bolzan, presidente da CRB Nacional, deu abertura

ão evento com uma calorosa acolhida, motivando a Vida Religiosa a somar na grande rede de solidariedade com todos aqueles e aquelas que acreditam na possibilidade de um mundo novo. Em seguida, Ir. Vilma Esperança, presidenta da CLAR, proferiu uma mensagem de esperança e de compromisso aos religiosos e religiosas participantes do seminário.

O seminário se realizou em dois grandes momentos:

**1. Apresentação de quatro projetos sociais alternativos** assumidos pela Vida Religiosa que sinalizam o testemunho profético da Vida Religiosa no Brasil e a possibilidade de um mundo diferente, os quais foram:

- **Escola Família Agrícola de Jabuticaba – Bahia**, apresentado por Pe. Xavier Niechele, SJ.
- **Centro de Defesa da Vida: Mulher em situação de violência doméstica e de gênero de Duque de Caxias – RJ**, apresentado por Ir. Maria Lunardi, CF.
- **Vida Religiosa no Movimento Social: A caminhada Lassalista junto ao MST de Belém – PA**, apresentado por Ir. Nestor Deitos, FSC.

- **Equipe Itinerante:** Itinerando pelas Ribeiras da Amazônia de Manaus – AM, apresentado por Ir. Odila Gaviraghi, FSCJ.

**2. Conferência com Ir. Ana Roy, AS**, que desafiou a Vida Religiosa a assumir com ousadia o seu papel profético-solidário frente a desumanização e exclusão social gerados pelo capitalismo neoliberal. Na sua concepção, a Vida Religiosa realiza o seu papel profético-solidário “gritando” contra tudo o que fere a dignidade humana e visibilizando o seu grito através de sinais locais, particularmente junto aos pobres.

Terminada a conferência de Ir. Ana Roy, os religiosos e religiosas fizeram suas intervenções e considerações em relação ao papel profético-solidário da Vida Religiosa frente aos grandes problemas sociais gerados pelo sistema de economia globalizada.

Como Vida Religiosa, participamos da responsabilidade social que nos impele a mantermos nossa indignação diante da exclusão, miséria e mercadorização das relações humanas, “arregaçando as mangas” para contribuir significativamente na construção de um mundo humanizado através de nossa presença profético-solidária junto aos excluídos do nosso tempo.

“O 5º Fórum Social Mundial contou com a participação de mais de 155 mil pessoas de 135 países diferentes.”

## II. Assassinato da Missionária Ir. Dorothy Stang

### 1. Declaração da Arquidiocese de Belém. Até quando?

Fomos surpreendidos neste sábado com uma notícia que deveria mexer conosco, desafiando-nos diante de situações que clamam aos céus!

Em plena Campanha da Fraternidade, que tem como tema Solidariedade e Paz, a sociedade paraense experimenta um golpe que marca negativamente a nossa nação e estarrece o mundo civilizado: o assassinato da Ir. Dorothy Stang, missionária das Irmãs de Notre Dame, americana, idosa, indefesa, naturalizada brasileira, e reconhecida por todos como uma lutadora pelos direitos humanos e sociais, tendo recebido o título de Cidadã do Pará.

É inacreditável que ainda se procuram soluções dos conflitos sociais com a eliminação pura e simples de vidas humanas dedicadas ao serviço dos mais pobres, excluídos e abandonados.

O ocorrido neste sábado em Anapu desafia as autoridades diante das impunidades dos assassinos e seus mandantes. O mundo olha para o Pará acreditando que esse crime não ficará sem a devida apuração e julgamento. Sabe-se que a impunidade é a vitamina para novos acontecimentos que degradam a humanidade.

A situação de ameaça, denunciada pela Ir. Dorothy, coloca em questão o serviço de proteção do Estado aos "jurados de morte" pelos malfeitores. A pessoa ameaçada, mesmo tendo denunciado o que está sofrendo, não tem nenhuma segu-

rança do Estado, que deveria proteger os seus cidadãos.

Esta ocorrência machuca todos nós que acreditamos na vida, no diálogo e na construção da civilização do amor.

Tememos que este crime fique como apenas mais um em nossa história, já feita de abundantes ocorrências como esta. É necessário gritar em todos os cantos que não é esse mundo que queremos! É importante lutar para que a Vida triunfe acima da morte! É urgente que todos tomemos posição e não compactuemos com essas situações de derramamento de sangue em nosso solo amazônico.

Enviamos a D. Erwin Krautler, à Prelazia do Xingu, à Congregação das Irmãs de Notre Dame e a todos os homens e mulheres que buscam o bem, o abraço fraterno de esperança e de fé, confiando que esse sangue não tenha sido derramado em vão.

A nossa parte de construção de uma pátria mais justa e solidária, em clima de paz, faz de nossa Quaresma uma responsabilidade ainda maior, para que nossa vida cristã seja presença transformadora dessa sociedade que mata os inocentes e deixa impunes os assassinos.

Neste primeiro domingo da Quaresma, contemplando Aquele que nos possibilita vencer as tentações, olhamos com esperança na cruz que aparece muito clara diante de nós, confiando que seremos levados à Ressurreição em todas as suas dimensões.

Que o sinal deixado por Ir. Dorothy Stang marque ainda mais nossa vida cristã neste

tempo e nos ajude a sermos ainda mais coerentes com a vida de batizados.

*"Que reine a paz em suas fronteiras!"*

*D. Orani João Tempesta, O. Cist.*  
Arcebispo Metropolitano de Belém (PA)

*D. Carlos Verzeletti*  
Bispo eleito de Castanhal

## **2. Nota da CPT:**

### **Mataram Irmã Dorothy**

A Coordenação Nacional da Comissão Pastoral da Terra, CPT, reunida em Goiânia, recebeu com dor e indignação a notícia do assassinato de Irmã Dorothy Stang, de 73 anos, ocorrido hoje (12/02), às 9 horas, em uma emboscada no município de Anapu, PA, com três tiros.

Irmã Dorothy, de nacionalidade norte-americana, naturalizada brasileira, da Congregação das religiosas de Notre Dame, participa da CPT, desde a época da sua fundação e tem acompanhado com firmeza e paixão, a vida e a luta dos trabalhadores do campo, sobretudo na região da Transamazônica, no Pará.

Por causa de sua atuação, e pela denúncia da ação predatória de fazendeiros e grileiros, irmã Dorothy, desde 1999, vinha recebendo ameaças de morte. Na quarta-feira da semana passada (09/02), durante Audiência Pública, em Belém, apresentou ao ministro Nilmarírio Miranda, da Secretaria Especial de Direitos Humanos, ao ouvidor Agrário Geral, Gercino Filho, e a autoridades do governo do Estado do Pará, as denúncias de ameaça de morte que estava sofrendo.

No ano passado, ela recebeu da Assembléia Legislativa do Pará o título de Cidadã do Pará, ocasião em que ressaltou que este

título representava o reconhecimento que o poder legislativo dava à luta do povo pelos seus direitos.

O inqualificável assassinato de Ir. Dorothy Stang, traz para nós a memória de um passado que julgávamos encerrado. É a primeira morte de um agente da Comissão Pastoral da Terra, neste governo do presidente Lula. A sanha de fazendeiros e madeireiros da região não respeita nada, e até a ação de uma religiosa idosa se torna para eles um obstáculo para a consecução dos seus objetivos. Se a vida de uma religiosa indefesa é tirada desta forma, como não são tratados os trabalhadores e trabalhadoras do campo!

Surpresos, chocados e impotentes diante de tanta brutalidade, a CPT continua firme em seu serviço aos povos da terra e das águas. Preferiríamos que não fosse assim. Mas infelizmente ir. Dorothy é mais uma mártir da Pastoral da Terra.

Neste início da Campanha da Fraternidade, em que as igrejas convocam o povo brasileiro para a superação de toda violência e injustiça, pedimos a Deus que a morte de ir. Dorothy nos ajude a construir a sonhada paz na terra.

*A Coordenação Nacional*  
Goiânia, 12 de fevereiro de 2005  
Comissão Pastoral da Terra  
Secretaria Nacional, Goiânia, Goiás  
Fone (62) 4008-6406 ou 4008-6466

## **3. Mais um assassinato no cenário profético da Vida Religiosa**

Nós, Religiosas e Religiosos do Brasil, neste dia 12 de fevereiro de 2005, recebemos estarecidas/os a notícia do assassinato brutal de mais uma companheira de Testemunho, Profecia e Esperança.

Ir. Dorothy, "proveniente de uma grande tribulação, alvejou suas vestes no sangue do cordeiro" (Ap 7, 14) e tombada no chão por mãos assassinas, encontra-se agora, de pé, diante do trono (cf. Ap 7, 9), e junto com uma grande multidão, clama: "Até quando Senhor, tardarás em fazer justiça contra os habitantes da terra" (Ap 5, 10)?

Como Conferência dos Religiosos do Brasil, vínhamos acompanhando a trajetória profética de Ir. Dorothy que já sofrera graves acusações e ameaças de morte. Com a notícia de seu assassinato, sentimos que uma dor profunda transpassou os sonhos e esperanças de um povo, os sonhos e esperanças da VR. E unimo-nos, solidárias/os, ao clamor por justiça que brota do chão manchado pelo sangue de balas assassinas e pelos pés incansáveis da solidariedade cúmplice e efetiva de nossa Irmã que, há mais de 20 anos, junto com 600 famílias, apostou num outro modelo de desenvolvimento econômico para a região.

Irmã Dorothy Stang, 74 anos, de origem norte-americana e cidadã brasileira, membro da Congregação das Irmãs de Notre Dame de Namur, foi assassinada com nove tiros, dos quais três fatais e simbólicos. Uma bala atingiu seu cérebro, outra seu coração e outra suas vísceras. Quiseram eliminar o pensar, o sentir e o gerar desta pequena, simples, humilde e idosa mulher. Seu cérebro, seu coração e seu útero eram uma ameaça para o modelo de desenvolvimento econômico implantado neste país, especialmente na Amazônia.

O testemunho de Ir. Dorothy coloca-a no rol dos/as grandes mártires. Aconselhada a se afastar de Anapu para proteger sua vida, repetia sem cessar: "Eu não corro

risco de vida, mas os colonos sim. Eles têm família para sustentar".

Numa homenagem e ato de apoio prestada pela CRB Regional, no dia 20 de agosto de 2004, em Belém, Ir. Dorothy, diante de Bispos e de toda a VR ali reunida, testemunhou sua fé e sua decisão de resistir até a morte, se preciso fosse, em defesa dos colonos. E no ato público de apoio que a OAB de Belém lhe prestou no dia 10 de dezembro, acompanhada por dois irmãos seus que vieram dos Estados Unidos, Ir. Dorothy fez um ato de fé e de humildade que emocionou e silenciou todo o público presente.

Como VR do Brasil professamos nossa fé no Deus da Vida. Manifestamos nossa indignação por este e por tantos outros assassinatos. Exigimos justiça e lutaremos por ela. Expressamos nossa gratidão e profunda solidariedade com seus familiares, a sua Congregação Religiosa e, particularmente, o seu povo de Anapu.

E temos a certeza de que o assassinato de Ir. Dorothy não vai conseguir apagar o grito profético em favor da justiça e da paz. O seu sangue derramado em favor da vida dos pobres agricultores e da defesa do meio ambiente agora clama mais forte por justiça. A sua vida é semente e símbolo de resistência na luta por um modelo de desenvolvimento econômico sustentável, pautado em critérios éticos de cuidado com a natureza e com a vida das pessoas. Acreditamos que sua luta não acabou com sua morte, mas continua viva, como disse um dos agricultores de Anapu: "Derrubaram Ir. Dorothy, mas a semente dela não morreu, já está nascida".

*Conferência dos Religiosos do Brasil*  
Sede Nacional - Rio de Janeiro

## Solidariedade e Paz

JOHAN KONINGS, SJ

Como ponto de partida para este tema, que é o da Campanha da Fraternidade de 2005, quero tomar as palavras finais do Salmo 85[84]. Pois quem conhece a linguagem do Antigo Testamento e a semântica hebraica deve concordar que o termo “solidariedade” é o que melhor traduz o conceito chave da Bíblia: *hesed*. De fato, os termos da raiz *hsd* ocorrem umas 250 vezes na Bíblia hebraica, e indicam uma gama de significados, que variam desde a bondade “genérica” até a amizade, a piedade para com Deus e as pessoas, a solidariedade para com os membros da comunidade, a gratuidade, o favor e a benignidade. E creio que essa generosa raiz bíblica é que deve inspirar o conceito de solidariedade que vem à tona na Campanha da Fraternidade.

Analogamente, o termo “paz”, o *shalom* da Bíblia, deve ser entendida com toda a sua amplitude. A paz das armas é apenas o mínimo daquilo que é evocado pela raiz hebraica *šlm*. Prescindindo dos nomes próprios como Salomão, Salum etc., esta raiz

mostra umas 450 ocorrências na concordância da Bíblia hebraica, e o significado central gira em torno de integridade, plenitude, perfeição – pagamento até (“contas pagas fazem bons amigos”!). É o “bem-estar” no seu sentido mais profundo.

Soam então as palavras do salmista:

“Ouvirei o que diz o Senhor Deus:

ele anuncia a paz para seu povo, para seus fiéis,

para quem volta para ele de todo o coração.

Sua salvação está próxima de quem o teme e sua glória habitará em nossa terra.

Misericórdia e fidelidade se encontram, justiça e paz se abraçam.

A fidelidade brota da terra

e a justiça se inclina do céu.

Quando o Senhor conceder o seu bem, a nossa terra dará o seu fruto.

Diante dele caminhará a justiça

e porá no caminho os seus passos<sup>1</sup>.”

(Salmo 85[84],9-14).

<sup>1</sup> Embora estejamos seguindo a tradução da CNBB, a última linha é traduzida conforme o texto massorético (sinagoga) da Bíblia hebraica e a Vulgata/Nova Vulgata; muitas traduções, porém, preferem a conjectura “e a salvação [está] no caminho de seus passos”, que lembra Isaías 58,8.

Estas palavras evocam sem alta densidade poética a “economia”, o intercâmbio entre o céu e a terra, Deus e o ser humano, segundo a percepção do cantor bíblico. Este tema está profundamente arraigado no chão do Salmo 85. Nos versículos citados encontramos as palavras chaves, palavras geradoras da piedade da tradição bíblica, israelita e cristã. Uma destas palavras remetem principalmente a Deus – o “céu”. Outras, dizem respeito em primeiro lugar ao ser humano. Mas todas elas estão radicalmente relacionadas entre si.

Quem fala é “o SENHOR Deus” – assim traduzimos o hebraico *ha'El Yahweh*, o Deus Javé, que é Pai, Criador, promotor da Aliança e doador da Instrução, a Torá. As palavras de sua boca nos ensinam o caminho da vida. Ele fala de paz para seu povo, seus fiéis. Seu falar é promessa, promessa de paz. Paz, *shalom*, não é apenas o silêncio das armas. É tudo o que Deus nos quer dar, a plenitude de seus bens. Esta paz é para “seu povo”, os que ele elegeu e uniu a si numa aliança, para serem seus representantes e cultuadores, sacerdotes até, no meio do mundo (Êxodo 19,5-6). São seus *hasidim* (derivado de *hesed*), seus “fiéis”, literalmente, seus “piedosos”, aqueles que se voltam para ele com toda confiança. Assim se torna próxima a “salvação”, a saída numa existência que, sem ele, é sem perspectiva – para os que o “temem”. Por que “temer” (*yarah*)? Será Javé um Deus do medo? Entendamos bem. No Antigo Testamento, “temer a Deus” significa a atitude religiosa: respeito, veneração. É verdade que esta terminologia foi superada – sobretudo nos textos de João – por aquela do amor, mas ela continua significativa, porque não se trata do pânico diante de um tirano, mas do

temor de quem ama e se sente em falta para com o amor maior. Por isso, os que buscam Deus, na Bíblia, são chamados os “tementes a Deus” (cf. o Magnificat, Lucas 2,50: “sua misericórdia se estende sobre aqueles que o temem”).

“Sua glória habitará em nossa terra”: é a glória que manifestou a presença de Deus (Êxodo 24,16 etc.), e que agora vai habitar no meio do povo, no templo restaurado depois do exílio babilônico. É, para nós, a presença que se tornará soberaneamente real pela atuação de Jesus no meio de nós (João 1,14: “habitou no meio de nós, vimos a sua glória”).

E onde Deus está presente, sente-se o seu efeito benfazejo: “misericórdia” e “fidelidade” se encontram, “justiça” e “paz” se abraçam, se beijam. São amigos(as) inseparáveis. São as qualidades da Aliança.

Como vimos, o termo traduzido geralmente por “misericórdia” (*hesed*), bíblicamente, pode significar também bondade, amizade, solidariedade. É a “atitude da Aliança” por excelência. Da parte de Deus significa o dom gratuito, da parte do povo a fidelidade a Deus e a solidariedade entre os participantes da aliança, o povo. É, no fundo, o amor a Deus e ao próximo (embora nestas fórmulas a Bíblia use o verbo *’ahab*). A “fidelidade” (*emet*) é verdade, autenticidade, firmeza, aquilo que “é o que é”, aquilo com que se pode contar (daí vem nossa aclamação “amém”). A “justiça” (*sedeq*) é “o que é como deve ser” ou o que produz este efeito. Justiça não é pagamento igual por igual, muito menos olho por olho, dente por dente. É fazer com que a realidade se torne assim como Deus a sonhou. É criativa, expulsa o que está errado

para colocar o que é bom no lugar. Por isso, Deus “justifica” o pecador que em confiança se dirige a ele, pois Deus não gosta de que a gente continue pecador... A justiça de Deus anda de braços dados com a “paz” (*shalom*), como diz o versículo 11. Isaías diz que a “paz” é o produto da justiça (Isaías 32,17). As atitudes aqui mencionadas são em grandes linhas as que Mateus menciona nas Bem-aventuranças: os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os que promovem a paz (Mateus 5,6-9).

Nesta altura, o salmo fala dos atores da Aliança: o “céu” (= Deus) e a “terra” (= a humanidade). Devemos imaginar a Aliança, algo como um pacto entre um soberano (Deus) e seu vassalo (o povo de Israel). O Soberano promete os bens de seu reinado, o vassalo, sua colaboração, sua “fidelidade”.

Se a fidelidade surge da terra e cresce no chão da humanidade, Deus dá sua justiça renovadora, que faz tudo novo, de acordo com seu sonho (v. 12). Se Deus concede o seu bem, os seus dons como um orvalho ou uma chuva mansa que fecunda a terra, a terra da humanidade poderá produzir o seu fruto (cf. Isaías 55,10). E então, o salmista encerra seu cântico com uma imagem emocionante: ele vê Deus, qual Soberano visitando o seu povo vassalo, avançando solenemente no meio das aclamações: “a justiça caminha diante dele e põe no caminho os seus passos” (v. 14, segundo o texto hebraico massoretico<sup>2</sup>). O justo agir de Deus abre caminho para ele, para sua presença, sua glória, no meio de seu povo.

Que significa isso para nós?

Somos os herdeiros do povo da Aliança. Pela prática de Cristo, que foi fiel até a morte, a Aliança foi levada à perfeição: é a “nova e eterna Aliança”, com a qual nós nos comprometemos cada vez que, como membros do seu povo, celebramos seu memorial na Eucaristia. As qualidades da Aliança devem se tornar nossas, como dom do céu e como fruto da terra, ou seja, produzidas tanto pela graça de Deus como por nosso compromisso. Porque Deus “ajusta” as coisas em sua justiça, procuramos essa justiça, comprometendo-nos com ela: uma comunidade humana como Deus a sonha. Porque Deus, em misericordiosa solidariedade, nos dá os seus dons, seremos solidários, amigos para com aqueles que Deus ama, os seus filhos e filhas. Disso brotará a “paz”, a satisfação, a plenitude, a felicidade – “não como o mundo a dá” (João 14,27), mas como Deus a quer dar, por causa de seu filho Jesus, que participou até o fundo em toda a nossa existência humana, inclusive, o sofrimento, igual a nós em tudo, menos na recusa a Deus que se chama o pecado (Hebreus 4,15).

Em Cristo, o “céu” que se inclina até nós, para que possamos participar dessa Aliança e assim, na fidelidade à Nova Aliança, acolher a justiça de Deus que abre caminho para sua glória.

E agora, alguém talvez pergunte: afinal, a justiça é algo que vem de Deus ou algo que vem de nós? De fato, em outros textos, como Isaías 58, a justiça é antes de tudo a obra dos repatriados de Judá, que devem reconstruir não só os muros de Jerusalém, mas a solidariedade do povo

<sup>2</sup> Cf. nota anterior.

de Deus depois do exílio babilônico (Isaías 58,12). O Salmo 85 é situado num contexto semelhante, a volta do exílio, interpretada como volta à misericórdia de Deus (v. 2-3), mas o acento é bem diferente. Isaías 58 é profético, ético. O Salmo 85 é litúrgico, celebrativo. Celebra a presença da glória de Deus, o Soberano, no meio de seu povo aliado. O acento não recai naquilo que nós devemos fazer, mas naquilo que Deus faz.

Aí está o mistério da “justiça”. Esta é, antes de tudo, um agir gratuito de Deus. Na sua justiça, ele dirige o universo<sup>3</sup>. Nós, hoje, vivemos num contexto antropocêntrico, temos a impressão de que o ser humano faz tudo, até criar o mundo – só que não consegue manter o nível da natureza, da água, do ar, para sustentar seus inventos... Pensamos que basta criar ideologias e projetos políticos para fazer acontecer a justiça... A Bíblia vê a justiça como um agir exemplar de Deus do qual nós somos chamados a participar. Está dentro do horizonte da Aliança. Antes de ser uma tarefa nossa, é um dom de Deus. Pois bem, a recepção ativa e participante desse dom é que abre a procissão da Glória de Deus que vem até nós.

A solidariedade, o mútuo favor dos participantes da Aliança e de todos os seres humanos, filhos e filhas do Pai e Criador, é a “interface” da justiça – o que aparece na tela. É o rosto humano da obra da justiça divino-humana. E seu fruto, seu “produto”, como diz Isaías 32,17, é a paz, a perfeita satisfação, não só da gente, mas de Deus, que aí reconhece sua própria obra

levada a termo, na fidelidade, por seus *‘hasidim*, os que se solidarizam com Ele.

A tradicional tradução de *‘hasidim* por “piedosos” tem um ar de beatice. *‘Hasidim* eram os guerrilheiros macabeus... *‘Hasidim* são aqueles que honram a Aliança, engajando-se por aquilo que Deus, em sua justiça exemplar e criadora, espera de seu povo. Por isso, o Salmo 149,5-7, representa os *‘hasidim* com a espada de dois gumes na mão, para executar a vingança no meio dos povos pagãos. (Não é preciso dizer que se trata aí de uma interpretação bastante limitada da “sentença prescrita” de Deus, como diz o Salmo 149,9, mas seja ilustrativo para mostrar que a *‘hesed* não é a atitude dos “bonzinhos”.)

Não posso terminar este artigo sem mencionar outras vertentes da solidariedade, a graça (*‘hen*, grego *eleos/kharis*) e a misericórdia, a *ra‘hamim*, o “amor entranhado”, metáfora originada na imagem materna (*re‘hem* = útero). E, sobretudo, o amor (hebr. *ahabah*, gr. *agape*). Estes elementos dão à solidariedade uma dimensão afetiva, que é necessária para que ela não se transforme em corporativismo ou fanatismo. Mas eu quis insistir na solidariedade como virtude da Aliança (a Aliança de sempre, renovada e re-significada no dom da vida de Jesus), para que aprofundemos a consciência de estarmos engajados na obra de Deus-Conosco, Emanuel.

Neste sentido, a celebração por excelência da Nova Aliança, que é a Eucaristia, deve ser a celebração da solidariedade, da *‘hesed* cristã. Por isso, celebrar sem solidariedade é pecar contra o “corpo” de Cristo,

<sup>3</sup> A Bíblia diz muitas vezes que Deus na sua justiça “julga” o universo, mas convém observar que “julgar” (*špt*) significa “governar”.

o seu corpo pneumático, místico, que é a comunidade eclesial, principalmente os pobres em seu seio (1 Coríntios 11,17-29).

Sem a solidariedade com os mais pobres, o desejo da “paz” como plena realização do sonho de Deus e dos humanos é impossível, tanto pela *torah* de Deus quanto pelas leis sociológicas (que, aliás, devem ser extensões da *’hokmah*, a Sabedoria divina...). Não podemos realizar o sonho de Deus, nem

o nosso, se não nos empenharmos solidariamente para que todos tenham sua parte nos dons daquele que reina com justiça. Seja lembrado isso em vista daqueles que apregoam em seus megatemplos e emissoras de TV a “religião da prosperidade”.

---

Endereço do autor:

Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127, Planalto

31720-300 - BELO HORIZONTE - MG

Tel.: (31) 499-1600

QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE

- 1- Que intuições do artigo podem iluminar mais a prática das comunidades no tocante à solidariedade e a busca da paz?
- 2- A leitura orante do salmo 85[84] ajuda a levar adiante os objetivos da Campanha da Fraternidade de 2005? Como?
- 3- Que compromissos concretos de solidariedade a sua comunidade pretende assumir, para responder às propostas da CF/2005?

“Se a fidelidade surge da terra e cresce no chão da humanidade, Deus dá sua justiça renovadora, que faz tudo novo, de acordo com seu sonho.”

# Antítese da violência na Bíblia

LUIS I.J. STADELMANN, SJ

## Introdução

Contra a violência não basta apelar para a “não-violência”, porque a “não-violência” não é a antítese da violência, mas a síntese de duas posições, a saber: o compromisso com a justiça por meios não-violentos e o pacifismo de evasão. Perguntamos à Bíblia, se não existe uma alternativa que nos leve a optar por uma mudança de conceitos dentro de um esquema moral, como primeiro passo no enfoque dos textos bíblicos sobre a violência. Para justificar a alternativa, baseada na Bíblia, adiantamos a tese da “Justiça Preventiva”, como foi expressa de maneira inovadora para os dias de hoje no 2º Encontro Mundial pela Paz, em Asti, na Itália, em outubro de 2004<sup>1</sup>. Com efeito, é à luz da “Justiça Preventiva” que podemos desvendar o corretivo das situações de violência, descritas na Bíblia. Pois os autores sacros querem ensinar-nos a encontrar medidas preventivas antes que as crises fujam do nosso controle.

## 1. Antigo Testamento

No debate das medidas contra a violência são mencionados principalmente os cânones da justiça punitiva, retributiva e vindicativa, com base nos textos da Bíblia<sup>2</sup>. Se se tratasse de meramente relatar situa-

ções de violência, a Bíblia se resumiria num compêndio das rupturas entre a humanidade e Deus. Teríamos então um “discurso do homem” a respeito da história de perdição em lugar de um livro inspirado sobre a “história da salvação”, na qual Deus fala ao homem, dizendo o que dele quer.

### 1.1. A história primitiva

A história do fratricídio de Caim (Gn 4,1-16) relata a ruptura entre irmãos, causada pela desigualdade econômica da qual nasceu a inveja que instigou a Caim atribuir os revezes à privação da bênção divina, fonte espiritual da prosperidade de Abel. Para fins de ilustração, é descrito o ritual da oferenda a Deus, obtendo-se em retorno os benefícios divinos. Mas, se salienta também o nobre objetivo do culto, que não o devem desvirtuar interesses econômicos, disfarçados sob o pretexto de se invocar a bênção divina em lugar de estabelecer a união com Deus.

Caim era tido como ancestral dos que-nitas que, embora adorassem Javé, viviam fora da Terra Prometida e da Aliança sagrada. Eram migrantes, vagueando entre o deserto e a terra cultivada. Os israelitas estranhavam que seu *habitat* fosse adotado como modo de existência. O autor bíblico

<sup>1</sup> Cf. Dom Luciano MENDES DE ALMEIDA, “Paz preventiva”, veja-se o jornal *Folha de São Paulo*, (sábado, 9 de outubro 2004, p.2).

<sup>2</sup> Cf. Dom J.E. MARTINS TERRA, “A Violência no Antigo Testamento” I-III, 58 páginas, em *Atualização*, 1983, Nºs 159/160, p. 87-104; Nºs 161/162, p. 175-190; Nºs 159/160, p. 163/164, p. 251-274; cf. o livro do mesmo autor, publicado recentemente, *A Questão da Palestina*, São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

mostra a caminhada do ancestral dessa tribo sem pátria como protótipo de grupos humanos vivendo afastados da comunhão com Deus. Embora Caim vivesse longe da terra cultivada, o remorso faz o pecador ocultar-se da face de Deus para levá-lo a adorá-lo à distância. Entretanto, ele continua a viver porque Deus o marcou com um sinal, descrito pelo profeta Ezequiel em termos de tatuagem em forma da letra *tau* em hebraico segundo a grafia arcaica, como símbolo de arrependimento e distintivo espiritual de quem é consagrado a Deus (Ez 9,4). Este sinal é um símbolo sugestivo da Justiça Preventiva que protege os oprimidos pela culpa contra a vingança do clã. A propósito, René Girard trata exaustivamente do tema sobre a solicitude pelas vítimas como é exercida com grande abnegação pelos colaboradores nas obras humanitárias do judaísmo e cristianismo<sup>3</sup>.

O relato bíblico sobre os "Gigantes" (Gn 6,1-4) descreve a ruptura entre raças, ilustrada pela hierogamia, em voga na Antiguidade. Trata-se do culto idolátrico praticado nos templos pagãos, que incluía a prostituição, à qual se entregavam hieródulos e hieródulas à guisa da hierogamia entre as divindades e os homens e as mulheres da população local, cujos filhos nascidos dessa união devassa são chamados sarcasticamente de "gigantes" ou semideuses, isto é, "heróis"<sup>4</sup>. A lição que podemos

tirar da Bíblia é o compromisso dos pais e educadores na formação da prole, equiparando-se as funções do superego aos ditames da Justiça Preventiva.

A história de Lamec (Gn 4,19-24) relata a tensão entre diferentes grupos sociais, que pode levar a uma exacerbada hostilidade, incrementada e prolongada no tempo pela "vendetta", a lei da vingança de sangue, que causa um recrudescimento da violência sob a justificativa de alguém aplicar o castigo ao réu e/ou a um dos seus familiares por causa de uma injustiça sofrida. Para acabar com a vingança entre clãs foi introduzida a Lei do talião (Ex 21,23-25) e, posteriormente, a compensação pecuniária, cujo montante era estabelecido de comum acordo (Ex 21,30), até serem abrogadas por Cristo pelo mandamento do amor aos inimigos (Mt 5,43-48).

A história do "Dilúvio" (Gn 6,9-9,17) narra a ruptura entre gerações, causada pela violência em âmbito social. A corrupção generalizada entre os seres humanos acarretou o juízo punitivo de Deus. Devido à expansão do mal em progressão geométrica sobre toda a terra, o autor bíblico menciona o extermínio de quase toda a humanidade então existente, para ver se as novas gerações seriam melhores que as passadas. O fim do dilúvio aconteceu não devido a um fenômeno cósmico, mas por iniciativa de Deus que estabeleceu a Aliança

<sup>3</sup> René GIRARD, *Quand ces choses commenceront*, Paris: Ed. Arléa, 1994, citado por A TEIXEIRA, *op. cit.*, p. 79. Entretanto, sua teoria sobre a violência que estaria na origem da religião faz da religião um produto da violência humana. Mas o fato de que esta teoria continua sendo ventilada mostra quão facilmente a violência pode ser justificada e utilizada pela religião; cf. Michael AMALADOSS, "Las religiones: ¿violencia o diálogo?", em *Selecciones de Teología*, Vol. 43, Oct.-Dic. 2004, Nº 172, p. 265-274.

<sup>4</sup> FLÁVIO JOSEFO faz uma descrição depreciativa de semelhante situação, em *Antigüidades Judaicas*, XVIII, III, 4.

sagrada com a humanidade, inaugurando-se uma nova fase com a promessa de que a maldade humana não tornará a perturbar as leis da natureza que são dom de Deus à humanidade. Esta Aliança se estende a toda a criação e tem como sinal o arco-íris.

Com a narrativa da "Torre de Babel" (Gn 11,1-9) termina a História dos Primórdios (Gn 1-12), relatando-se a ruptura entre povos em âmbito mundial por meio da civilização materialista. A ambição do poder pode levar os governantes a empreender construções gigantescas que atraem gente a vir de longe para admirá-las, mas que acaba sendo escravizada pela megalópole, perdendo suas raízes, sua identidade e sua vinculação com o povo de origem. Essas obras, embora levem o nome de uma divindade em cuja honra são construídas, constituem o monumento do próprio governante para endeusamento do "ego" pessoal. Entretanto, não deixa de ser paradoxal que dessa narrativa podemos intuir alguns aspectos sugestivos da Justiça Preventiva, tais como uma pluralidade de culturas e idiomas, sob intervenção divina, em lugar da tendência à uniformização dos elementos culturais, surgindo daí uma valorização das diferenças e das particularidades dos vários grupos culturais e étnicos que enriquecem o convívio social.

A reflexão sobre o sacrifício de Isaac (Gn 22,1-19) desperta no leitor de hoje uma reação de repúdio à violação do direito à vida. Não se aceitam argumentos que invocam uma pretensa autorização de Deus ou a justificativa baseada nos interesses de um grupo de fanáticos religiosos que proclamam *Allahu akbar* no momento de tirar a vida de vítimas inocentes. Levanta-se a pergunta sobre o motivo de constar na Bíblia o relato do sacrifício de Isaac como gesto ritual de oferta em honra de Javé<sup>5</sup>. O significado ultrapassa o âmbito cultural da Antiguidade, comum a todos os povos de então, por causa da contribuição inovadora nas religiões que consiste na Aliança sagrada entre Javé e seu povo, revelando uma união baseada na amizade que jamais constava como ensinamento do desígnio de Deus a respeito da humanidade em nenhum sistema religioso até então na tradição cultural de povo algum da história. Entre as famílias nômades da Palestina coube a Abraão a dita de ser o patriarca que é o titular dessa Aliança. Ora, condição *sine qua non* é a efetivação da Aliança através do rito cultural do sacrifício que ratifica a vinculação de Deus com sua família e com a posteridade, o povo de Israel<sup>6</sup>. Se não houvesse um rito, o dom da Aliança ficaria reduzido a uma idéia guardada na me-

<sup>5</sup> L. STADELMANN, "O Sacrifício de Isaac: Um texto clássico sobre o discernimento espiritual na Bíblia", em *Perspectiva Teológica*, Ano 23, Nº 61, Set.-Dez. 1991, p. 317-332.

<sup>6</sup> A respeito do "sacrifício" é importante notar a diferença entre a concepção antiga (bíblica) e a concepção moderna (secularizada). Quanto ao uso específico: no 1º caso, é somente um ato cultural; no 2º caso, nunca é um ato cultural. Quanto ao âmbito: no 1º caso, é totalmente religioso; no 2º caso, é quase sempre secular. Quanto ao volume: no 1º caso, o maior possível; no 2º caso, o menor possível. Quanto ao destinatário: no 1º caso, sempre é oferecido a Deus; no 2º caso, nunca é oferecido a alguém. Quanto ao objetivo: no 1º caso, em reconhecimento por dádiva recebida; no 2º caso, sem reconhecimento por dádiva. Quanto ao ato: no 1º caso, feito sempre com alegria; no 2º caso, feito sempre com pesar. Quanto aos sentimentos humanos: no 1º caso, acompanhado de alegria e júbilo; no 2º caso, acompanhado de pesar e tristeza. Quanto à ênfase:

mória de Abraão com eficácia exclusiva para ele. É de notar-se que a imolação da vítima exigia o rito de sangue que no caso da oferenda de animais era verter seu sangue, ao passo que no caso da oferenda de seres humanos era meramente um gesto simbólico sem derramamento de sangue (v.12). Em vista disso, Abraão prometeu aos criados que haveria de trazer de volta seu filho Isaac são e salvo (v.5). Posteriormente, a Aliança sagrada foi renovada regularmente no AT e ratificada por um sacrifício. Sua continuidade histórica mantém a validade perene dessa Aliança sagrada entre Deus e seu povo com a inovação introduzida no NT ao ratificar-se a vinculação pelo sacrifício cruento de Cristo na cruz que se atualiza de forma espiritual pelo sacrifício incruento na Sta. Missa (1Cor 11,25).

A narração sobre a violação de Dina, filha do patriarca Jacó, aborda também o tema da desonra pública que denigra e avilta o *status* moral de uma família de beduínos e da população local. A História dos Patriarcas compartilha este assunto com os leitores interessados na defesa dos valores éticos entre os nômades e os povos primitivos. Em discussão está a reação vingativa dos irmãos contra o estuprador e seus conterrâneos. A ênfase está na finalidade moralizante da narração para demonstrar o padrão ético em vigor entre os beduínos e os freios contra o descalabro moral (Gn 34). Os excessos na aplicação do castigo visam salientar a função de Levi na organização da liturgia do futuro povo de Israel, pois os levitas esta-

rão encarregados do ensino das normas da fé e moral em Israel.

A história de José faz um retrospecto sobre a situação dos nômades na Palestina e abre a perspectiva para o povo do Império Egípcio no continente africano. Os contatos que existiam entre os dois países eram do âmbito comercial em mãos de mercados que supriam a demanda de mão-de-obra na área tanto rural como urbana do Egito e o fornecimento de produtos de exportação para o sustento da população palestinese em épocas de carestia. E já que os autores bíblicos apresentam o problema conjuntural em termos de uma situação humana, descrevem José como refém vendido aos madianitas, que são os intermediários entre Palestina e Egito (Gn 37,12-36). Esta história tem sua atualidade no tráfico e na escravidão de seres humanos como formas de exploração do homem pelo homem. Entretanto, não são os opressores como centro de atenção e das prioridades da História dos Patriarcas, mas os indivíduos que na voz das vítimas renunciam a toda violência agressiva e repressiva e adotam a Justiça Preventiva como freio aos mecanismos de revanchismo e destruição, como é documentado no testamento de José, redigido como um fecho de ouro do livro do Gênesis (Gn 50,15-21).

## 1.2. O povo oprimido no Egito

Enquanto o povo israelita estava sujeito à escravidão no Egito não houve tentativas de sublevação popular ou choques

no 1º caso, na doação da oferta; no 2º caso, ênfase em desfazer-se de algo próprio. Quanto à característica: no 1º caso, morte e destruição são um fator acidental; no 2º caso, morte e destruição são um fator inerente. Quanto à transferência: no 1º caso, privação não é um fator constitutivo; no 2º caso, privação é um fator constitutivo; cf. Robert J. DALY, *The Origins of the Christian Doctrine of Sacrifice*, Philadelphia: Fortress Press, 1978, p. 3-4.

armados para sacudir o jugo da escravatura por causa da força repressiva do governo totalitário. Consta, porém, na Bíblia que Moisés interveio com mão armada para vingar uma injustiça contra um cidadão israelita matando o capataz do destacamento de aprisionados, mas não obteve o apoio para iniciar uma sublevação geral (Ex 2, 11-14). É que o recurso aos meios violentos não é um instrumento adequado para suplantarmos um regime de força, ou seja, conquistar a libertação dos oprimidos. Por isso Moisés teve que aprender por própria experiência que a autoridade do líder popular não vem só de baixo, mas sobretudo de cima. Ora, em princípio não se justifica empregar meios injustos para fins justos. Aliás, o pluralismo moral em voga nos dias de hoje coloca a problemática no contexto da revolução onde a opção entre “violência” e “não-violência” ultrapassa o âmbito individual transferindo essa opção para a esfera de decisão por vários grupos que obedecem a um movimento pendular, impossibilitando-os de parar no ponto de equilíbrio. Surge assim uma espiral de violência cada vez mais larga. A solução que se apresenta ao Povo Eleito é o Êxodo, que traça uma linha divisória entre áreas de conflito e entre a religião, a cultura e a história.

O relato das “pragas” do Egito narra os acontecimentos a partir das vítimas que sofreram a dominação e que foram interpretados como “sinais” da intervenção de Deus culminando na libertação dos israelitas (Ex 7-11). A “décima praga”, causando a morte dos primogênitos (Ex 12, 29-30), coincidiu

com a festa em honra de Osiris-Isis, deuses da vegetação e do plantio de cereais, celebrada na primavera. Osiris estava associado à natureza e ao mundo do além, ao passo que Isis exercia o patrocínio sobre os seres humanos durante a vida terrestre<sup>7</sup>. O acontecimento narrado na Bíblia se situa no contexto da libertação dos israelitas reduzidos à escravidão no Egito<sup>8</sup>. Era do interesse do autor bíblico mostrar como eles se tornaram sujeitos de sua própria libertação através da integração social no Povo Eleito e do Êxodo da cultura egípcia rumo à Terra Prometida. Entretanto, não bastava uma decisão coletiva de adesão a este projeto de vida, mas se exigia uma interação necessária dos fatores histórico-sociais para desencadear o processo de libertação. Daí é fácil perceber o paradoxo de que justamente um evento associado à religião pagã dos egípcios tenha sido o fator determinante da libertação dos israelitas. Pois na festa celebrada em honra dos deuses Osiris-Isis eram oferecidas no altar oferendas preparadas com os primeiros frutos e nesta ocasião eram consagrados os primogênitos sob o seu patrocínio. Ora, os cereais armazenados nos silos estavam infectados por um fungo nocivo que os tornava impróprios para o consumo humano e animal, embora inofensivos para o plantio. Destarte, a causa da morte atribui-se a uma calamidade da natureza, fato esse que posteriormente se convencionou chamar um “ato de Deus”. A reação a esse desastre nacional foi a libertação imediata dos israelitas, tanto assim que os egípcios insistiram que saíssem logo do seu país (Ex 12, 33).

<sup>7</sup> Cf. Jacques VANDIER, *La Religion Égyptienne*, (Les Anciennes Religions Orientales, 1), Paris: Presses universitaires de France, 1949, p. 59-63.

<sup>8</sup> Cf. Louis H. FELDMAN, “The Plague of the First-born Egyptians in Rabbinic Tradition, Philo, Pseudo-Philo, and Josephus”, em *Revue Biblique*, 2002, Vol. 109, Fasc. 3, p. 403-421.

### 1.3. A conquista da Terra Prometida

Um assunto que sempre está causando um mal-estar entre os leitores da Bíblia é o relato da destruição de cidades e do extermínio (em hebr.: *herem*) de seus habitantes devido à maldição lançada sobre eles (Dt 13,13-19; Js 6,16-21; 10,28-43; 11-14). Há muito foi sugerido pelos exegetas que se tratasse de uma metáfora da solução ao problema do sincretismo através da mão armada. E já que as implicações desse problema vieram à tona no período monárquico, os autores bíblicos fizeram uma *retrojeção* da única solução viável que deveria ter sido tomada no passado, a saber: o extermínio dos seguidores de Baal<sup>9</sup>. Esta interpretação não é mera hipótese, mas tem boa chance de ser comprovada com base na narração do episódio das guerrilhas do rei Saul que não executou o mandato de extermínio dos amalecitas (1Sm 15; 28,18). Uma análise de relatos históricos sobre aquela época será muito instrutiva para a compreensão desse tipo de recurso literário. Além disso, à luz das escavações dos lugares arqueológicos surgem novas evidências comprovando o fato de que as cidades, mencionadas no rol de extermínio, não foram destruídas naquela época, pois os escombros datam do século anterior. Outrossim, a guerra de conquista de territórios, em Israel e alhures, não implicava o extermínio dos seus habitantes, mas o seqüestro da população cujos indivíduos eram postos à venda como escravos na fei-

ral local ou no estrangeiro, como era o caso dos gabaonitas (Js 9). Finalmente, não se pode falar em guerras em Israel naquela época — se muito eram escaramuças —, que tivessem sido travadas então porque se trata da *Idade do bronze*. É que a *Idade do ferro* só começa com o reino de Davi. Sem a tecnologia da fabricação de instrumentos de ferro não havia uma espada sequer em todo o território de Israel, como consta na história de Davi (1Sm 21,9). Daí, não se trata do extermínio devido a um pretenso mandato de Javé, mas de um recurso literário que enfatiza o problema do sincretismo cultural e religioso entre o baalismo e javismo, em cujo contágio a fé em Deus corre o perigo de soçobrar.

Uma rápida visão de conjunto sobre as guerras de Israel do AT põe a questão da violência em relação com a guerra de religião. Não se trata, porém, do combate para defender a fé israelita ou da luta pela propagação de sua fé com as armas. Uma pesquisa nas fontes históricas nos permite coletar as passagens referentes às “guerras de Javé”. Com efeito, uma referência ao antigo “Livro das guerras de Javé” (Nm 21,14) alude a uma coleção de narrativas sobre Javé como protagonista do povo de Israel prestando ajuda divina na conquista da pátria pelos israelitas (Ex 14; Js 10; Jz 4; 1Sm 7)<sup>10</sup>. Daí a finalidade das narrativas, incluídas nesse livro, é sobretudo apresentar uma teodicéia, salientando a imagem de Javé como Deus tutelar de Israel e a maneira como Deus se autocomunica através da história religi-

<sup>9</sup> O recurso literário da *retrojeção* tem a forma literária da *retrodição*, que consiste numa narrativa de um assunto fundamental na história da salvação retrojetada a partir da época do autor bíblico (séc. VI a.C.) para uma época mais remota.

<sup>10</sup> Cf. Hans AUSLOOS, “Exod 23,20-23 and the “War of YHWH”, em *Biblica*, vol. 80, 1999, Fasc. 4, p. 555-563.

osa do Povo Eleito, e não tanto os acontecimentos relacionados à conquista de Canaã e o assentamento das tribos israelitas na Palestina. O objetivo é, pois, apresentar a intervenção de Deus na história, ilustrando-a com os fatos históricos que concretizam a eficácia da Aliança sagrada. A “intervenção” de Deus em favor dos hebreus conquistando a Terra Prometida tem por finalidade ressaltar a imagem de um Deus comprometido com seu povo, por ser o povo da Aliança sagrada, não tendo nada a ver com a idéia de um Deus intervencionista. Com a imagem de Javé como guerreiro se visa mostrar sua natureza como Senhor da história e Soberano dos acontecimentos do mundo<sup>11</sup>. Além disso, sua transcendência impõe-se aos outros povos, sobrepondo-se aos deuses tutelares que são identificados como deuses da tempestade: Zeus entre os gregos, Júpiter entre os romanos, Teshub entre os hititas, Baal entre os cananeus, Odin entre os povos nórdicos. Aliás, o tema das “guerras de Javé” é abordado de maneira muito diferenciada no AT, como intervenção divina na infiltração das tribos israelitas na terra de Canaã (Dt 20,10-20), ou na travessia do Mar Vermelho (Ex 14), ou na versão utópica de que a guerra não é de Israel, mas de Javé (2Cr 20,15), ou na perspectiva escatológica das “guerras de Javé” descrevendo, em linguagem apocalíptica o Juízo final, como intervenção divina contra os ímpios, usando os elementos do próprio cosmo como meios da luta armada (Sb 5,17-23).

Encontram-se também referências a casos isolados de imolação ritual da primogenitura para a fundação de uma cidade

(Js 6,26; Jz 11; 1Rs 16,34; 2Rs 3,27; 17,17; 21,6). Trata-se de um rito sangrento em uso entre os povos da Antigüidade que associa a fundação da cidade pelo rei ao patrocínio do deus tutelar. O lugar de sacrifício humano era chamado Tofet, que havia no vale do Cedron, perto de Jerusalém, até ser removido no tempo do rei Josías (2Rs 23,10; Jr 7,32; 19,6.13.14). Celebrava-se, portanto, em algumas cidades a festa em honra ao rei fundador e ao patrocínio do deus tutelar. A praxe do rito sangrento estava associada ao culto do deus Moloc — Molc ou Molchomor no dialeto púnico que era falado em Cartago. O nome desse deus se empregava como epíteto nos nomes teofóricos como p. ex. Adramelec, Anamelec (2Rs 17,31). O fato de constarem na Bíblia referências a cultos idolátricos é para denunciar atos de extrema violência que estão associados ao culto religioso, do tipo espúrio, e praticados em solo israelita.

#### 1.4. A traumática memória da monarquia

A matança da família real de Jeroboão é um caso de notória crueldade que chocou os contemporâneos como também os leitores da Bíblia nos tempos atuais principalmente por causa da cláusula explicativa “de acordo com a palavra que o SENHOR tinha pronunciado por intermédio do seu servo Aías de Silo” (1Rs 14,1-16). À primeira vista parece que este acontecimento resulta da uma profecia *ante factum* (antes da realização). Porém é típico dos textos bíblicos narrar um acontecimento em visão retrospectiva por meio de uma pro-

<sup>11</sup> Cf. Norbert LOHFINK, *Il Dio della Bibbia e la violenza, (Quaestiones Disputatae)*, [Trd. italiana de G. Scandiani], Prescia, Morcelliana 1985, (Original alemão 1983), p. 20-21.

fecia *post factum* (após a realização), dando a entender que os acontecimentos não têm como causa eficiente a lei férrea do destino cego, mas sim a ação humana a serviço dos juízos históricos contra o descalabro moral na sociedade. Consta também a profecia sobre o massacre da família real de Baasa “segundo a palavra do SENHOR profetizada por Jeú” (1Rs 16,12).

O “Ciclo de Elias” constitui um conjunto de episódios com lances pitorescos, típicos das narrativas proféticas, relatando os feitos dos reis e súditos durante o período da atuação de Elias, o profeta associado ao fogo (1Rs 17-19; 21; 2Rs 1). Entretanto, esses relatos destacam-se do conjunto dos livros dos reis pelo enfoque sobre o povo de Israel na época de Elias em lugar de relatar uma biografia dos reis. É preciso levar em conta também a redação deuteronômista desses capítulos do *Livro dos Reis*<sup>12</sup>. Devemos observar que na pesquisa é imperativo levar em consideração outras fontes históricas que não os “Anais dos Reis de Israel”. Além disso, os traços individuais não são tão abundantes que seriam necessários para traçar o perfil do personagem central. Outrossim, merece especial atenção a técnica literária, em uso na Bíblia, de deslocar os termos da situação sócio-política e do problema conjuntural para a pessoa. A razão é criar-se uma apresentação animada e tão expressiva como se o leitor a estivesse vendo com os próprios olhos, reconhecendo que o cerne da questão está oculto no cenário. Ora, o que está em pauta, é o conflito entre javismo e paganismo, cu-

jos expoentes são o profeta Elias e os profetas pagãos. Os personagens descritos nestas histórias são tipicamente funcionais porque servem para dramatizar a situação ou a conjuntura social, religiosa e política. Por isso, a narrativa não trata de uma matança de profetas, mas da luta pela supremacia da religião javista, embora em minoria diante dos seguidores de Baal. Os números mostram que os seguidores da religião javista (400) estavam em minoria frente à maioria dos 450 servidores de Baal e dos 400 de Ašera, — na proporção de um contra dois. Não haveria, pois, uma contestação em pé de proporcionalidade igual entre as divindades tutelares do país, se não houvesse um outro fator determinante, a saber: Javé, como Deus transcendente que intervém na história e subjuga Baal e Ašera, duas divindades intramundanas personificando as forças da natureza, sendo meras ficções dos mitógrafos e do folclore cananeu. Em outras palavras, não houve um banho de sangue entre profetas nem uma guerra de extermínio entre os seguidores da religião javista e cananéia. Evidência disso é o fato de que não há uma referência sequer nos livros proféticos posteriores que condenam essa matança. Igualmente, o *Livro do Eclesiástico* tece um elogio sobre Elias sem mencionar a matança dos profetas (Eclo 48,1-11).

O “Ciclo de Eliseu” (2Rs 2-13) relata a carreira de Eliseu, o profeta associado à água e que operou o maior número de milagres mencionados na Bíblia. Suas obras prodigiosas são incontestadas com exceção

<sup>12</sup> Cf. H.-J. STIPP, “Traditionsgeschichtliche Beobachtungen zu den Kriegserzählungen der Königsbücher”, em *Revue Biblique*, Vol 140, Nº 4, 1997, p. 481-511.

do episódio dos “meninos de Betel” (2Rs 2,23-25). Consta a narração sobre a desforra de Eliseu contra meninos debochando do profeta, cujo visual como careca era o traço marcante dos profetas daquela época. Para vingar-se das vaias: “Sobe, careca! Sobe!”, o profeta lançou uma maldição contra eles, que se materializou na investida repentina de duas ursos surgindo do nada e avançando contra a turma de quarenta e dois meninos, dispersando-os em fuga precipitada. O ponto em questão é a tradução do verbo hebraico “dispersar” (*bqa'*), que tem duas conotações: “despedaçar e dispersar”, isto é, “dividir em dois, dispersar” a turma dos meninos. O significado do verbo “despedaçar”, usado erradamente nesta passagem na grande maioria das Bíblias editadas em vernáculo, dá a idéia de que meninos fossem esmagados pelas ursos como reação vingativa de um profeta que os amaldiçoou. Este episódio é citado como motivo de repúdio não só do profeta, mas também da fé em Javé, como às vezes é mencionado por escritores modernos que têm ressalvas contra a religião revelada.

O massacre dos setenta filhos da família real de Acab (2Rs 10) por um pretense mandato divino dado a Jeú, rei de Israel (842-815 a.C.), é relatado em duas passagens da Bíblia: “Tu executaste a meu contento o que eu queria, e trataste a casa de Acab exatamente como estava nas minhas intenções” (2Rs 10,30). Com base na citação desta profecia, o autor bíblico se exime de dar um juízo moral sobre este episódio cruento da história dos reis de Israel. Mas um século depois, o profeta Oséias condena este banho de sangue e vaticina o extermínio da dinastia de Jeú (Os 1,4).

## 2. Novo Testamento

A antítese à violência é, segundo o NT, a Justiça Preventiva, começando com a integração social dos indivíduos isolados em comunidades de fé e comunidades éticas, tanto da Igreja como do Reino de Deus. Cabe a elas desempenhar a tarefa de servir de paradigma a toda humanidade e de mediação entre os organismos internacionais para favorecer os esforços do povo a fim de criar e desenvolver suas próprias organizações de base, com o apoio das estruturas do governo. Destarte, a solução do difícil problema da violência se situa no âmbito dos mecanismos de defesa e da promoção da qualidade de vida na sociedade por meio da Justiça Preventiva sem descuidar o papel da justiça defensiva. Como diz o próprio título, o objetivo de combater a injustiça é por meio de ações preventivas no sentido de orientar as energias latentes para estreitar os laços de solidariedade entre todos os grupos sociais.

Um texto que desafia a argúcia dos comentaristas relaciona a violência ao Reino de Deus: “O Reino dos céus é objeto de força e os violentos são os que o conquistam” (Mt 11,12 // Lc 13,24). O significado da expressão “Reino dos céus” é o mesmo de “Reino de Deus”, já que o termo “céus” é tomado em sentido translato para designar “Deus”, como era praxe entre os rabinos de substituir a palavra hebraica “Deus” por “céus” ou “nome”. Discute-se muito entre os comentaristas sobre o significado exato da “violência” em relação ao “Reino dos céus”. Para início de discussão é preciso esclarecer que o “Reino dos céus” é invisível, de sorte que a “violência” se entende em sentido figurado ou translato. Entretanto, se entrar em questão um esti-

lo de vida com violência, resultará um fanatismo religioso justificando-se qualquer ação sob o pretexto de Deus como fonte de inspiração e instância de legitimação do uso da violência. Por outro lado, se for uma referência ao Reino dos céus como objeto de violência, seja pelos judeus ou zelotas por ingressar nele; seja pelos fariseus para impedir o ingresso nele, então se adverte aos discípulos que se esforcem para superar a violência. Se ela é colocada no quadro do anúncio do Reino dos céus, pode ser entendida como apelo lançado por Jesus aos ouvintes, para que se decidissem por escolhas radicais e comprometedoras da pessoa toda. Entretanto existe uma outra dimensão que é mais pertinente ao assunto do que qualquer outra hipótese, a saber: o esforço incansável de conformar nossa vida com a graça divina. No início da vida cristã, a luta é mais viva, mais renhida, e as contra-ofensivas do Maligno são mais numerosas e *violentas*. No mesmo texto há uma referência ao começo da história do cristianismo, ao evocar a pregação de João Batista. Convém não esquecer que as graças que são dadas, são graças de combate e não de repouso, e que somos lutadores, ascetas, e não sibaritas que só pensam em refestelar-se e paparicar seu corpo sem interessar-se no bem da alma.

Textos de doutrina ascética: "Eu vim pôr fogo à terra... Vós pensais que eu vim trazer a paz à terra? Pelo contrário, eu vos digo, vim trazer divisão" (Lc 12,49-51). Em linguagem de uma diátribe se inculca a

importância da decisão em favor ou contra Cristo, com o resultado de acabar com a paz no seio das famílias (v.52-53). O "fogo" de que se fala aqui não deve ser imagem do entusiasmo, ou da ardente entrega à causa do Reino de Deus (Eclo 48,1), ou do fogo do julgamento (Lc 3,9), ou do Espírito Santo (At 2,3), senão do fogo da luta entre os familiares, cujos interesses e afetos humanos são sacrificados quando se muda de religião. Tais discussões em que os ânimos se acirram são descritas em linguagem figurada, como discussões que *pegam fogo*.

No episódio da "mulher adúltera" se ensina uma forma de superação de violência que só se manifesta no NT (Jo 8,1-11), já que a legislação do AT impõe a pena capital ao homem e também à mulher (Lv 20,10; Dt 22,22)<sup>13</sup>. Cristo perdoa a pecadora arrependida em virtude da misericórdia divina. Os homens condenam a pecadora em virtude da hipocrisia. Cristo instituiu o sacramento da penitência para conceder o perdão divino ao pecador arrependido. Os homens estabeleceram o tribunal para impor a pena. O sacramento remove a culpa e restitui a alegria da boa consciência. O tribunal aplica a condenação sem perdão. Cristo escreve na poeira do chão no momento da acusação do pecado. Os homens registram a transgressão no boletim de ocorrência para que o nome do delinqüente se torne conhecido de todos. O gesto de Cristo escrevendo na poeira do chão donde é levada pelo vento ilustra o fato de que o perdão divino apaga a culpa e não

<sup>13</sup> Um fato recente de mudança introduzida no texto da Constituição Política da Turquia concerne à reforma do Código Penal, eliminando o artigo referente ao adultério para deixá-lo a critério da lei moral. Destarte as leis corânicas não se aplicam à sociedade civil, por exigência da legislação das constituições jurídicas dos países ocidentais, quando da admissão ao bloco dos países da União Européia.

fica nada na memória de Deus para ser lembrado no dia do juízo final. Com o perdão divino apaga-se a culpa e também uma parcela das penas temporais, ficando o resto dessas penas a serem amortizadas em vida, caso contrário ficam para o purgatório. Por isso é preciso fazer atos de reparação pelos pecados próprios e dos outros, prestando ajuda aos necessitados e engajando-se na conversão dos pecadores. Requer-se também do penitente que faça o bom propósito de emendar-se. Eis, portanto, uma inovação no esforço da promoção da Justiça Preventiva através do sacramento da reconciliação com Deus e com os irmãos na fé.

A hostilidade dos samaritanos contra judeus e galileus era proverbial e por isso os discípulos de Cristo não escapavam à regra. Se aqueles costumavam revidar na mesma moeda, esses não podiam fazer o mesmo: "Queres que mandemos descer fogo do céu (raio) para consumir os samaritanos? (Lc 9,54). Mas Jesus os repreendia porque aos cristãos se exige a prática das virtudes de aproximação, entre os diversos grupos sociais, e não de exclusão. Aliás, é interessante notar que os autores dessa invectiva contra os samaritanos são Tiago e João, os mesmos que eram conhecidos pela alcunha "filhos do trovão" (Mc 3,17). Em vista disso, este episódio parece remontar a uma narrativa local e não propriamente à Tradição Apostólica porque atribui a esses dois o poder sobre fenômenos da natureza, isto é, sobre o raio e o trovão.

O episódio da expulsão dos vendilhões do Templo (Mt 21,12-13 // Mc 11,15-17 // Lc 19,45-46 // Jo 2,13-17) poderia ser interpretado como fanatismo religioso, se não se levasse em conta o objetivo dos evangelistas que ressaltam o motivo da ação sim-

bólica visando as autoridades judaicas do Templo. É que se introduzira o costume dar de aluguel determinadas áreas da esplanada em torno do santuário para que os vendilhões pudessem instalar suas bancas e estantes com os mais diversos artigos a serem vendidos aos romeiros. Na verdade, quem foi prejudicado pela expulsão dos vendilhões eram as autoridades religiosas e não propriamente os vendilhões que se retiraram para outros postos de venda que anteriormente ocupavam.

A espada de Pedro (Mt 26,51 // Mc 14,47 // Lc 22,50 // Jo 18,26). O uso da espada põe a violência a serviço da justiça. Entretanto, por meio da proibição de reagir com a espada Jesus quer dar uma lição aos cristãos, que consiste na distinção entre legítima defesa e procedimento evangélico. E para evitar que a opção por esta ou aquela atitude se justifique por argumentos a favor ou contra, o evangelista Mateus cita a palavra de Cristo como norma em determinadas situações. Pois o procedimento evangélico recomenda-se ao indivíduo isolado que está isento de um compromisso com os seus familiares e, portanto, é capaz de tornar-se mártir, ao passo que aos outros se impõe o dever de pensar no bem deles e de si mesmo.

Perseguição judaica aos cristãos. Antes de sua conversão à religião cristã, o apóstolo Paulo se opunha à Igreja e perseguia e devastava violentamente as comunidades cristãs (Gl 1,13; At 9,1-6). O motivo da ferrenha oposição de Paulo à religião cristã não era o fanatismo religioso de um indivíduo imaturo que procura solucionar seus problemas, mas era a ameaça à sobrevivência da religião judaica. Pois essa sobrevivência estava em jogo com o surgimento do cristi-

anismo que se tornou legítimo herdeiro das tradições religiosas do Povo Eleito. Daí, o legado religioso do Antigo Testamento era transmitido, de então por diante, não pelo judaísmo, seja do partido dos fariseus, dos saduceus, ou dos essênios, mas tinha no cristianismo um novo fator de continuidade histórica<sup>14</sup>. Além disso, trata-se da própria credibilidade exigida de uma religião que transmite aos fiéis os dons salvíficos de Deus. Ora, a religião judaica deixou de ser uma religião viva, quando perdeu a celebração da liturgia após a destruição do Templo, como o próprio J.H. Newman assinala<sup>15</sup>.

Perseguição romana aos cristãos. No livro do *Apocalipse* se relata o confronto entre a Igreja frente a Roma pagã (Ap 12-20). A descrição desse confronto consta em “língua cifrada” para que os cristãos possam entender o significado, o qual deveria ficar oculto aos olhos dos romanos. As imagens são tiradas da astronomia ilustrando a perseguição contra a Igreja. As constelações da Virgem e do Dragão (Ap 12) são relacionadas com acontecimentos históricos para dar a entender que o confronto se trava no Império de Roma pagã a serviço de Satanás, como é visualizado pela imagem da “besta” do Ocidente e Oriente (Ap 13). A comparação de Roma com uma besta é mera amplificação estilística do símbolo astronômico do Dragão (Hidra ou Serpente) representando a Roma Imperial do paganismo, cuja capital está cons-

truída sobre sete colinas (cf. sete cabeças) e se estende às dez províncias senatoriais (cf. dez chifres), sendo que as províncias imperiais ultrapassavam-nas em número. Quanto às “sete coroas” são símbolos dos sete imperadores romanos do tempo da Igreja nascente. “A cor de fogo” indica a púrpura, isto é, o corante para tingir as vestes dos imperadores e reis. O significado da “besta do Oriente” é análogo ao simbolismo anterior, ilustrando a função do promotor do culto festivo em honra do imperador romano divinizado e da diva “Roma”, celebrada esporadicamente na província romana da Ásia. Devido ao aparato de ostentação do prestígio e da hegemonia do Império Romano não é de admirar-se que era muito dispendioso organizar tal celebração e por isso o promotor era escolhido entre os habitantes abastados da região. Sua tarefa era de cunho cívico e religioso, tendo por assessor do culto um ministro litúrgico para presidir a celebração festiva, o que vem sendo sugerido na referência aos “dois chifres”, significando o promotor da festa ao divino imperador romano e seu assessor do culto à diva Roma. Quem se opunha a prestar honras divinas aos ídolos pagãos corria o perigo de violenta perseguição com o risco de confisco dos bens e banimento do país. O autor do *Apocalipse* redigiu o livro com a finalidade de exortar os cristãos à perseverança na fé e inspirar confiança na vitória de Cristo glorioso em sua vinda na Parusia. Outro moti-

<sup>14</sup> Cf. J. MURPHY-O'CONNOR, *Paulo: Biografia Crítica*, (Trd. B.T. Lambert), São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 82-83, (Original inglês 1996).

<sup>15</sup> Cf. J.H. NEWMAN, em *Parochial and Plain Sermons*, (1834-42), edição completa e definitiva em 37 volumes, Londres, 1870-1879, citado por E. PRZYWARA, *The Heart of Newman*, Londres: Burns and Oates, 1963, p. 39. A propósito, chamamos a atenção do leitor para a análise aprofundada da mesma temática segundo o ponto de vista judaico, e também a crítica demolidora ao judaísmo clássico, como se pode ler no livro de Israel SHABAK, *História Judaica, Religião Judaica*, Lisboa: Ed. Hugin, 1997, (Original inglês 1994, reimpr. 1997).

vo de perseverança é o prenúncio da intervenção divina por meio dos juízos históricos que o descalabro moral acarreta contra sociedades corruptas.

A superação da violência segundo o NT se concentra no Sermão da Montanha (Mt 5—7) ensinando a Justiça Preventiva contra a escalada crescente da violência que periga desembocar num grande desastre implicando uma hecatombe de vítimas incontáveis e danos colaterais de proporção catastrófica<sup>16</sup>.

### 3. A ideologia da “guerra santa” (*Jihad*)

A Bíblia não fala da “guerra santa”. Por isso, a origem dessa noção não é bíblica<sup>17</sup>. Antigamente eram chamadas “guerras santas”, em grego (*hieroi polemoi*), as lutas armadas da anfictionia de Delfos, isto é, a liga de povos gregos, em combate contra alguns se seus membros que haviam violado os direitos sagrados de Apolo. Para ser declarada uma “guerra santa”, precisava ser empreendida por ordem dos deuses, ou pelos menos com sua provação, era acompanhada de sacrifícios e realizada com a ajuda dos deuses. Posteriormente, o Islam apropriou-se da ideologia da “guerra santa” (*Jihad*), já em época antiga, a partir do

período de expansão da religião e cultura islâmica. O motivo de os muçulmanos adotarem a ideologia da “guerra santa” é a tensão entre a minoria islâmica e a maioria de árabes animistas e politeístas. Para que a minoria pudesse exercer a hegemonia sobre os outros foi decidido que todos deviam converter-se ao Deus único (Alá) a bem ou a mal, a fim de poderem formar a grande nação árabe, a *Fraternidade Árabe* ou *Umma*. Havia também o confronto com judeus e cristãos, o que determinou as leis corânicas a favor da “guerra santa”<sup>18</sup>. É de notar-se que no cristianismo a “guerra santa” é incompatível com a promoção da fé cristã entre os povos desde a sua implantação e difusão no mundo. Em lugar de propagar a fé pela espada, o cristianismo recorre aos meios da inculturação e da catequese<sup>19</sup>.

Consta, porém, no Alcorão, o livro sagrado do islamismo, que a “guerra santa” (*Jihad*) não pode ser usada para obrigar indivíduos ou populações inteiras a aderir à fé islâmica: “Em matéria religiosa não pode haver qualquer coação”, diz o Alcorão (2,256). No rodapé do comentário desta II. *Sura*, v. 256 há uma outra tradução: “Não se pode forçar ninguém à fé (verdadeira)”. Entretanto, o comentário de Maomé Farid Wagdi explica que

<sup>16</sup> Norbert LOHFINK, “Antiguo Testamento – El Desenmascaramiento de Violencia: Comentarios exegeticos a um tema de actualidad”, em *Selecciones de Teologia* 1979, Vol. 72, p. 285-293.

<sup>17</sup> Paul BEAUCHAMP e Denis VASSE, *A violência na Bíblia*, [Trd. M.C. M. Duprat], (Coleção Cadernos Bíblicos – 62), São Paulo: Ed. Paulus, 1994, (Original francês 1991), p. 52. Cf também R. de VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, (Trd. D. Oliveira), São Paulo: Ed. Paulus, 2003, (Original francês 1957), “A guerra santa”, p. 346-357.

<sup>18</sup> Cf. J. CARREIRA DAS NEVES, “Guerra Santa”, p. 93-119.

<sup>19</sup> Convém ter presente que o objetivo das “Cruzadas” nos séc. XI-XIII, organizadas pelos países do Ocidente cristão, era prioritariamente libertar as regiões da Palestina da dominação pelos conquistadores islâmicos. Podemos mencionar também a questão da conquista das Américas pelos colonizadores espanhóis e portugueses que invadiram as terras dos índios e implantaram a religião cristã por meio da “aculturação”, nos inícios quando não se conheciam as línguas e os costumes indígenas, mas posteriormente se usou a “catequese” e a “inculturação”.

a emancipação do povo enyolto nas trevas do politeísmo não teria sido possível sem a guerra. Entre os árabes de então grassava um paganismo grosseiro que se apoderava da alma do povo até o mais íntimo, privando-o completamente dos princípios morais e mantendo-o paralisado espiritualmente durante séculos. Porém Maomé pregou pacificamente durante os primeiros anos, cumprindo assim sua missão. *Somente quando começou a construir um reino é que Maomé usou da força* (o grifo é nosso). "O emprego da força é permitido em cada religião quando se trata da erradicação do politeísmo", diz o comentarista<sup>20</sup>.

Hoje em dia surgiu um fator novo dessa ideologia, ao relacionar a noção da "guerra santa" com o terrorismo. Pois a violência alastrou-se no mundo não por geração espontânea, mas por iniciativa de grupos islâmicos, como escreveu Abdulrahman al Rashed, diretor-geral da rede de televisão Al Arabiya, em sua coluna diária no jornal panarábico "Asharq Al Awsat". Abaixo da manchete estava escrita a frase: "A dolorosa verdade: todos os terroristas do mundo são muçulmanos"<sup>21</sup>. Entretanto, esta afirmação generalizante precisa ser nuançada, porque a organização "IRA" da Irlanda do Norte e "ETA" das províncias bascas da Espanha utilizam táticas terroristas para alcançar seus objetivos políticos. O mesmo artigo continua dizendo: "A maior parte das operações suicidas realizadas no mundo nos últimos dez anos foram perpetradas por muçulmanos", escreveu Al Rashed. Para o jornalista, "os muçulmanos não serão capazes de limpar sua imagem a menos que admi-

tam fatos escandalosos, em vez de justificarem tais atos". É digno de nota o parágrafo final do mesmo artigo, citando Ahmed Bahgat, um intelectual egípcio, cuja coluna apareceu no principal jornal situacionista do país, o Al Ahram: "Se todos os inimigos se unissem e decidissem prejudicar o Islam, eles não conseguiriam fazer tanto mal à sua imagem como seus filhos têm feito com sua estupidez, seus erros e sua falta de compreensão de nossa época".

Freqüentemente aparecem opiniões públicas, nos meios de comunicação social, sobre os extremismos religiosos estarem na origem do terrorismo. Entre os islâmicos seria o "martírio" como garantia segura de conseguirem a felicidade eterna no céu. Evidentemente, há muitas outras razões que podem levar ao terrorismo; basta mencionar a situação social inumana, a exploração dos desempregados, a delinqüência que se generaliza em áreas de conflito, o uso da violência agressiva e repressiva, os numerosos desaparecimentos e seqüestros por grupos auto-identificados como membros das forças paramilitares ou de guerrilheiros, etc. Mas dizer que o martírio a serviço do Alcorão encoraja o terrorismo é falsear a verdade. É que no islamismo consta uma norma de fé, (em árabe: *hadith*), dizendo que um lutador engajado na "guerra santa" por motivo de amealhar despojos, ou de se tornar famoso, ou de conquistar vanglória, não pode ser considerado guerreiro autêntico, mas somente aquele que luta para aumentar a estima e a difusão da Palavra de Alá no mundo<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> Cf. Hermann STIEGLECKER, *Die Glaubenslehren des Islam*, Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1962, comentário à "guerra santa" (*Jihad*), p. 486, § 891.

<sup>21</sup> Cf. a coluna da redação "Diretor de TV árabe liga terra a muçulmanos", veja-se o jornal *Folha de São Paulo*, setembro de 2004.

## Conclusão

Os textos bíblicos que acabamos de estudar têm sua origem histórica no Próximo Oriente Médio, donde suas doutrinas se difundiram para todos os povos do mundo. A partir do AT surgiu o judaísmo, cujo primo-irmão é o cristianismo. Tiveram um papel importante na implantação de um relacionamento novo entre os povos, baseado no amor, à luz do tipo de relação do homem com Deus. Ao mesmo tempo difundiram os valores da civilização no mundo social greco-romano por meio de comunidades de fé e comunidades éticas nas quais era abolida a escravatura. Foi certamente uma medida inovadora que o apóstolo Paulo tomou com a integração do escravo Onésimo na família cristã de Filémon e na comunidade eclesial: "Ele não é mais escravo, mas sim melhor do que escravo: um irmão muito caríssimo a mim, mas muito mais a ti, como ser humano e como cristão" (Fl 14). É bom lembrar-se de que no mundo social greco-romano havia cento e vinte milhões de escravos a serviço de cinco milhões de patrões, de sorte que o desequilíbrio social não despertou uma tensão entre uma minoria injustiçada, como é o caso atual, mas criou focos de violência

no seio de uma maioria reduzida à condição de escravos. Com a expansão do islamismo, a terceira religião monoteísta, surgiram movimentos fundamentalistas criando facções militantes e levando a posições de fanatismo contra quem não é islâmico, judeu ou cristão. A crise atual viu um fenômeno inusitado na instrumentalização do fanatismo religioso sob o pretexto de angariar novos membros para sua causa ou justificar seus fins escusos a título de motivo religioso. Mas as experiências traumatizantes resultando dos atos terroristas não permitem racionalizar os motivos como sendo inspirados por uma causa religiosa, mas nos levam a buscar sua origem na frustração de grupos sociais oprimidos pela violência agressiva e repressiva nos respectivos países<sup>23</sup>. É pois tarefa das mais urgentes dos líderes das religiões e dos governos de encaminhar a Justiça Preventiva como medida de solucionar os conflitos e de reconciliar os indivíduos que se digladiam com violência sem medir as conseqüências, correndo o risco de causar uma catástrofe final.

---

Endereço do autor:

Cx. Postal 135 - 88010-970 - Florianópolis - SC

E-mails: peluis@colegiocatarinense.g12.br

lstadelmann@yahoo.com

### QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

- 1- Como os textos do AT comentados no artigo podem iluminar o compromisso pela justiça e a paz dos cristãos/ãs de hoje?
- 2- Os comentários sobre os textos do NT ajudaram a enriquecer a sua compreensão dessa importante temática da antítese da violência? Como?
- 3- Como situar-se diante da ideologia da "guerra santa" (Jihad)?

---

<sup>22</sup> Cf. Hermann STEIGLECKER, *op. cit.*, cap. Uma norma de fé sobre a "guerra santa", p. 598.

<sup>23</sup> Uma descrição romaneada da situação catastrófica que resulta de atos terroristas consta no romance de Tom CLANCY, *A soma de todos os medos*, (Trd. A. B. Pinheiro de Lemos), Rio de Janeiro: Record, 1993, (Original inglês: *The Sum of All Fears*, 1991).

# Vida consagrada: amor sólido numa sociedade de laços frágeis

MARCOS SANDRINI, SDB

Zygmunt Bauman é autor de um livro intitulado "Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos". Ele trata dos frágeis relacionamentos humanos que seria característica do mundo de hoje. Os vínculos "precisam ser frouxamente atados, para que possam ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem – o que, na modernidade líquida, decerto ocorrerá repetidas vezes" (Bauman, 7).

Na época em que Cristo viveu e morreu, a expectativa de vida era de vinte e nove anos. Compromissos sérios eram assumidos na adolescência com a certeza de que a maioria deles duraria poucos anos. A própria mãe de Jesus assumiu sua maternidade com poucos anos de idade. Cristo, embora tenha vivido poucos anos de vida, viveu mais que a média dos seus contemporâneos. Dentro da normalidade, uma pessoa que fizesse um compromisso perpétuo, em média, o cumpriria em dez ou vinte anos, porque sua expectativa de vida era pequena, menor do que hoje.

Agora, a realidade assume novos contornos. A expectativa de vida do povo brasileiro, por exemplo, chega a mais ou menos 65 anos. A adolescência e a juventude se prolongam. Embora haja pessoas que assumam compromissos muito cedo, sobretudo crianças e jovens das classes populares, no entanto quem pode

ter um crescimento normal, posterga o assumir de compromissos para uma idade mais avançada. Um compromisso perpétuo assumido aos vinte anos, dura por volta de 50 anos. Neste sentido, o que significa, uma profissão perpétua ontem e hoje? Quais os desafios a serem enfrentados ontem e hoje?

Temos, igualmente, todo um progresso científico e tecnológico. Cientistas afirmam que metade das coisas que usaremos daqui a dez anos ainda não foram inventadas. "A potência dos computadores tende a dobrar a cada 18 meses" (Masi, 177). No setor da informática, a mudança é tão veloz que 80% do faturamento decorre de produtos que dois anos atrás sequer existiam. Prometeu foi desacorretado. Tudo o que se pensa é possível realizar-se. Assisti ultimamente a um filme em que um robô escapa do controle dos humanos. E o que dizer de toda a questão da biotecnologia e da nanotecnologia? O certo é que esta aceleração do tempo produz também uma mudança de mentalidade. Se o que hoje existe e é fundamental amanhã não mais existe, o que dizer de nossas idéias, crenças e convicções? As grandes marcas não se preocupam em investir no produto, mas na própria marca. Se o produto muda, a marca não pode. Cada marca está associada a uma imagem. A marca McDonald's, por exemplo, está

nar-se', mantenha distância; se quer usufruir do convívio, não assumo nem exija compromissos. Deixe todas as portas sempre abertas" (Bauman, 10-11).

## 1. Refundar com laços sólidos

Numa sociedade líquida de laços frágeis, o que significa repensar, refundar a Vida Consagrada? Não só, o que significa refundar todo e qualquer compromisso, inclusive o do matrimônio cristão?

São Paulo, em uma de suas cartas diz: "quem não trabalha também não deve comer" (2Ts 3,10). O que dizer, então, da multidão de desempregados a procura de trabalho sem encontrá-lo? Não trabalha, conseqüentemente não deve comer? Propugnamos por uma sociedade que garanta o mínimo indispensável para a vida independentemente de trabalho ou emprego. A alimentação está dentro deste mínimo indispensável. Como fica a frase de São Paulo? A humanidade aos poucos se vai libertando do trabalho feito para produzir estes bens mínimos indispensáveis confiando-os à máquina e à automação. Não é de estranhar que também os relacionamentos entrem em crise de paradigma e de configuração. "O compromisso, e em particular o compromisso a longo prazo, é a maior armadilha a ser evitada no esforço por 'relacionar-se'. Um especialista informa aos leitores: 'Ao se comprometerem, ainda que sem entusiasmo, lembrem-se de que possivelmente estarão fechando a porta a outras possibilidades românticas talvez mais satisfatórias e completas'. Outro mostra-se ainda mais insensível: 'A longo prazo, as promessas de compromisso são irrelevantes... Como outros investimentos, elas alternam períodos de alta e baixa'. E assim, se você deseja 'relacio-

Este é o grande questionamento para a Vida Consagrada, hoje. Aliás, falar em refundação significa que há fundamento. Só pode ser refundado aquilo que um dia foi fundado. Só pode ser refundado o que tem fundamento. Dizer que a Vida Consagrada precisa ser refundada, significa que precisa renovar seus fundamentos. Impressionou-me muito o contato que tive com as reflexões de Dietrich Bonhoeffer. Na primeira metade do século passado, este pastor luterano, refletiu muito fortemente sobre a dimensão religiosa da pessoa humana. Colocou seriamente em crise a existência de um "a priori" religioso. Toda a pregação religiosa do século XX está baseada neste a priori, isto é, na convicção de que a dimensão religiosa é um constitutivo da pessoa humana. Afirma que, para atingir a pessoa humana, Deus é apresentado como um tapa-buracos, como instrumento de apoio para sair-se bem na vida e para dar uma resposta aos enigmas da existência. Sim, porque na normalidade da vida, Deus produz sono e cansaço. "Eu gostaria de falar de Deus não nos limites, mas no centro, não na fraqueza, mas na força, não na morte e na culpa, mas na vida e na bondade do homem. No limite, me parece melhor calar, e deixar

sem solução o insólúvel" (Bonhoeffer, 1969, p. 215-216).

Ele crê poder prever o advento de uma época totalmente não religiosa. Somente um mundo secularizado, quer dizer, totalmente não religioso, pode chegar a sua própria liberdade. Bonhoeffer viveu numa época imediatamente pós-Nietzsche que afirma que "o homem não possui um ponto de referência, um fundamento; o homem se encontra sem nada e sem ninguém. Tudo é relativo, como o próprio homem que se move apenas em função de si mesmo. Se Deus morreu, o homem está só, mas também está livre. Sua referência é ele mesmo e suas necessidades o remetem exclusivamente à razão. É o homem que deve enfrentar esta realidade vazia; um homem que é capaz de viver sem ajuda, porque já não as necessita. Um homem que ante o nada será encarregado de criar o mundo" (Colomb, 2002, p. 87). Libertado de todas as amarras, inclusive e, sobretudo de Deus e da religião, caem os fundamentos. Eu não tenho fundamento. Eu sou meu fundamento.

Com relação ao subjetivismo, pode-se dizer que hoje vivemos uma crise de "objetividade". Em face do exagerado "objetivismo" anterior, a cultura moderna ressaltou, de uma forma chamativa, a importância da "subjetividade". "Este destaque do pólo subjetivo pode ser constatado: na valoração da pluralidade cultural diante da unidade convergente supracultural; na ênfase dada à variação histórica diante da continuidade daquilo que é permanente na condição humana; na exaltação da situação individual diante do que é comum e geral no humano; na prevalência do diferente diante da normalidade

de na maneira de realizar a existência humana" (Vidal, 2003, p. 72).

Esta análise coloca em questionamento os fundamentos da Vida Consagrada. A questão da convivência comunitária, por exemplo, ressent-se desta convivência de contrários. Numa mesma comunidade religiosa podemos encontrar pessoas imbuídas destas quatro visões de vida cristã. Entender este fenômeno numa comunidade religiosa, já significa muito. Quando discuto determinado assunto com um irmão ou irmã, de qual perspectiva é que o faço? Para uns, por exemplo, a vida comum assume uma importância muito grande, para outro, o ponto de partida é a vida fraterna.

## **2. Laços sólidos: não absolutizar o relativo e não relativizar o absoluto**

Acredito que uma das tarefas mais difíceis na vida cristã e, conseqüentemente, na vida consagrada, é discernir entre o absoluto e o relativo. Se não o fizermos, corremos o risco de absolutizar o relativo e relativizar o absoluto, subvertendo completamente a questão do fundamento. A criação de ídolos passa por aqui. Eles são a absolutização do relativo. Muita dor, muito sofrimento e muito sangue serviram de alimento para os ídolos, gerando muitas vítimas. Na história sofremos muito com esta absolutização do relativo. A título de exemplo, podemos citar as questões de gênero. Criou-se um protótipo de homem e de mulher que pouco ou nada tem a ver com a natureza humana. "Alguém pode tematizar desproporcionalmente o masculino de sua personalidade. Torna-se ra-

cionalista, frio, objetivista; é luz, mas sem calor. Como pode também exacerbadamente desenvolver a feminilidade a ponto de exasperar o irracional, o passional e o caótico; é calor, mas sem luz. Só na combinação de ambos aparece a vida em sua harmonia. Não porque se dissolveram as tensões que se sustenta, se renova e se aprofunda cada vez mais. Em toda caminhada de personalização entra o diálogo entre duas dimensões. Caso contrário resulta um homem afeminado ou uma mulher masculinizada, machismo ou feminismo, violência ou excessiva fragilidade". (Boff, 1986, p. 67). Sofremos muito para entender que há diferença dos sexos, mas há também inclusividade e reciprocidade. A inclusividade significa que todo ser é masculino e feminino ao mesmo tempo com dosagens diferentes. A reciprocidade significa que um homem só é homem plenamente diante de uma mulher e vice-versa. Há uma profunda unidade na diferença que vai assumindo contornos históricos originais em cada época. Transformar uma determinada manifestação histórica do masculino e do feminino em algo essencial constitui uma absolutização indevida de algo que é muito relativo. Isto foi e é fonte de muita dor e sofrimento na história da humanidade e, conseqüentemente, na história da Igreja e da Vida Consagrada. Masculino e feminino vão-se construindo numa tensão permanente.

O mesmo se pode dizer do natural e do cultural. Há dados culturais que foram naturalizados. É muito difícil discernir entre o que é natural e cultural. Aristóteles, por exemplo, justificou a

divisão da sociedade em classes a partir da natureza. Somente no livro I da Política são utilizados 84 vezes os termos "natural" ou "por natureza". Assim, a escravidão é determinada pela natureza, conforme podemos observar nesta passagem: "...aquele que é capaz de prever com sua inteligência, é naturalmente chefe e senhor, e o que pode executar com seu corpo essas previsões é súdito e escravo por natureza; por isso, o senhor e o escravo têm os mesmos interesses" (Política, 1252<sup>a</sup>). O que era um dado cultural se transformou num dado natural. Em nome da lei natural e da natureza, se justificam muitas situações verdadeiramente desumanas e se consolidam exclusões de toda espécie, sobretudo de gênero, sexo e etnia.

### **3. Duas convicções fundamentais**

Gastar a vida perpetuamente por uma causa que é relativa, não vale a pena. Na esquina da vida, toma-se uma outra perspectiva de vida. Deve-se conservar e renovar o primeiro amor, desde que se trate realmente de amor, o que é o único absoluto em nossa vida cristã e religiosa.

#### **3.1. Interação fé-vida**

Dentre outras convicções, acredito que podemos assinalar duas realidades fundamentais, basilares. A primeira delas é que nosso Deus faz parte de nossa história, caminha com seu povo. Mais ainda, encarnou-se em Jesus Cristo. A encarnação de Jesus Cristo é a afirmação de que Deus se fez história, se fez humano, se fez caminhada concreta com o povo. Para o cristão, Deus é transcendente e imanente ao mesmo tempo. Ele se fez

humano para nos tornar divinos. Este Deus, no mais íntimo de si mesmo, não é solidão, mas família. Somos imagem e semelhança de Deus quando vivemos, não a solidão, mas a solidariedade. Solitários, nunca. Solidários, sempre.

A fé num Deus distante da realidade humana introduz uma profunda deformação no entendimento da vida cristã. É o divórcio entre fé e vida. “Esta divisão entre a fé professada e a vida cotidiana de muitos é um dos mais graves erros do nosso tempo. Os profetas, no Antigo Testamento, já o condenavam como um escândalo (cf. Is 58,1-12) e Jesus Cristo, no Novo Testamento, o ameaça com pesadas penas (cf. Mt 23,3-13; Mc 7,10-13)”. (Gaudium et Spes, n. 43).

A imagem de Deus é fundamental para qualificar nossa vida cristã. Um Deus “descomprometido” com a história humana traz um descompromisso profundo do crente com a realidade e com os irmãos. Ao mesmo tempo, um Deus “heterônimo” que suplanta e abafa a liberdade com a qual ele mesmo dotou a criatura racional, cria uma falsificação da vida cristã. Unicamente a imagem de Deus que apóia e plenifica a liberdade do ser humano pode ser garantia de uma vida cristã autêntica e libertadora. Também não ajuda a vida cristã a imagem de um Deus que se apresenta como um “fardo” para a consciência moral. Viver e anunciar o Deus apresentado por Jesus Cristo leva a pessoa a amar como Deus Pai/Mãe a ama, libertar como Cristo libertou e viver em liberdade sob a “lei do Espírito que dá a vida em Cristo Jesus” (Rm 8,2). “Em nossas comunidades existe uma imagem de Deus que precisa ser purificada de incrustações

antimisericordiosas, uma concepção da lei que oprime e torna inautênticos os relacionamentos, uma idéia de fraternidade que deve ser evangelizada, um ideal de perfeição estritamente individual, que desejaria cancelar o pecado (e o pecador) mas que, ao contrário, ele é que deve ser cancelado e substituído o quanto antes” (Cencini, 203-204).

### 3.2. *Comprometer-se para sempre*

A *outra convicção* é que, inspirados em Nosso Senhor Jesus Cristo que derramou até sua última gota de sangue pela humanidade para defender o seu projeto de solidariedade e de amor a todos e a cada um de nós, também nós somos capazes de gastar a nossa vida até o fim na defesa da dignidade da pessoa humana, sobretudo dos mais excluídos, para que todos tenham vida e a tenham em abundância. Isto não é relativo. Isto é absoluto. Nós cremos na vida eterna porque cremos que é possível amar as pessoas concretas no tempo e na eternidade. Quem ama, compromete-se com a pessoa amada para sempre. O cristão relativiza o que deve ser relativo, mas absolutiza o seu compromisso com o Projeto de Vida de Jesus Cristo, escrito no seu Evangelho. Esta é a linguagem do amor. A ressurreição de Jesus é o selo de que uma vida como a que Jesus viveu não morre nunca. Viver como Ele viveu é sinal de ressurreição. E a vida de Jesus foi fundamentalmente doação, compromisso. Isto não é relativo para o cristão. Amar é comprometer-se com o outro ou a outra para sempre como Jesus se comprometeu. Aqui está o sentido da profissão perpétua e do matrimônio cristão.

Só tem capacidade de assumi-los quem entende e vive o Evangelho na radicalidade do seguimento de Jesus Cristo. Há exigências evangélicas que só podem ser entendidas por quem está apaixonado por Jesus Cristo. Como colocar as exigências do matrimônio cristão para pessoas que não sabem quem é Jesus Cristo e não o têm como companheiro de caminhada? Exigência sem Cristo é como cruz sem Ele. Há pessoas que fizeram e fazem grandes renúncias porque se deixaram envolver pela pessoa de Jesus e não apenas pelas suas exigências. Grandes renúncias exigem grande opção. Isto é fonte de alegria, de generosidade, de sentido de vida, de altruísmo. Sem isto, a vida é tristeza, amargura e um sem-sentido absoluto. Uma grande opção de vida é capaz de encantar uma pessoa, uma comunidade e uma instituição.

Milhões de pessoas assistiram ao filme *A Paixão de Cristo* de Mel Gibson. Muitas lágrimas foram derramadas. Certamente fez um grande bem para muita gente. No entanto, é impossível separar Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Sua paixão e morte foram consequência de sua vida. Cristo morreu na cruz, não porque o Pai o quis. Ele morreu na cruz pelas opções de vida que fez, ou melhor, por causa de sua grande opção de vida. Numa sociedade em que muitas vidas são abortadas, machucadas, massacradas, oprimidas, escravizadas, Jesus colocou-se frontalmente a favor das vítimas e dos que sofrem. Esta foi sua grande opção. Este foi seu grande SIM. Jesus não era do contra, mas era a favor. Justamente porque era a favor da vida, era contra tudo o que gerava morte e sofrimento. A pai-

xão e morte de Jesus precisam ser lidas a partir de sua vida. A Ressurreição de Jesus, igualmente, deve ser vista a partir de sua vida. Certamente que o Pai ressuscitou a Jesus porque vida como Ele viveu não pode morrer. A ressurreição de Jesus, digamos, é a canonização de sua vida. Este é o grande significado da configuração a Cristo.

Para os seus seguidores, a leitura do Evangelho de Jesus é fundamental, não é secundária. Se a morte de Jesus é consequência de sua vida, se a ressurreição de Jesus é a resposta ao compromisso de Jesus com o Reino de Deus, a *lectio divina* do Evangelho de Jesus ensina aos seus seguidores os caminhos a ser seguidos. Configurar-se a Cristo significa prosseguir sua causa, abraçar sua cruz e viver como ressuscitado, gerando vida numa cultura de morte. O objetivo da *lectio divina* é escutar a Deus, rezando a sua Palavra, para ver a si mesmos como Ele nos vê e querer a si mesmos como Ele nos quer. Procura-se deixar que Deus nos diga quem somos nós para Ele e que quer Ele de nós.

Aqui está o fundamento da vida consagrada. O seguimento de Jesus é a base e o fundamento da profissão perpétua. Ela é uma entrega ao Pai, no Filho, pelo Espírito Santo, para gerar vida para quem não tem vida ou a tem muito desqualificada.

#### 4. Desafios à Vida Consagrada

A partir destes fundamentos, surgem algumas consequências para a vida consagrada, hoje.

##### 4.1. Deus Trindade, o fundamento.

A VC tem no seguimento de Jesus Cristo seu grande pólo motivador, sua grande

mística. No entanto, “esse especial seguimento de Cristo, em cuja origem está sempre a iniciativa do Pai, reveste uma conotação essencialmente cristológica e pneumatológica, exprimindo de forma muito viva o caráter trinitário da vida cristã, da qual antecipa de algum modo a realização escatológica, para onde tende a Igreja inteira” (VC 14). A Trindade Santa é, para a Vida Consagrada, não apenas um paradigma de comportamento, mas também e, sobretudo o fundamento do agir moral. Ela nos lembra que Deus em seu mais profundo não é solidão, mas comunhão, família. “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26).

O mistério da Santíssima Trindade é vivido na igualdade, na diferença e na unidade. As três pessoas divinas são iguais em tudo. Infelizmente há ícones da Trindade que apresentam as pessoas numa dimensão de desigualdade. O célebre ícone pintado por André Rublev, por exemplo, abandona o símbolo da pomba, para nos apresentar o Espírito Santo numa figura de pessoa, igual à primeira e à segunda. Neste ícone, as três pessoas sentadas em torno da mesa têm o mesmo tamanho, a mesma juventude. Os três têm a mesma auréola em torno da cabeça: sinal de santidade igual. Os três seguram na mão o mesmo báculo de peregrino que, no simbolismo do ícone, se torna o cetro real e representa o poder divino que é igual para os três.

Se as pessoas divinas são iguais em tudo, no entanto, são diferentes num único aspecto: no seu relacionamento entre si. Cada uma tem uma relação inconfundível, introcável. “A primeira pessoa em relação à segunda é “Pai”, quer

dizer, é origem, é fonte. A segunda pessoa em relação à primeira é “Filho”: é originada, gerada. A terceira pessoa procede do Pai e do Filho. Estas relações não podem ser invertidas” (Tepe, 1987, p.23). A comunidade religiosa é o lugar da igualdade, da diferença e da unidade. O serviço da autoridade também deve ser assumido e vivido nesta perspectiva.

Ao lado da igualdade e da diferença, as pessoas divinas são unidas em comunhão. Tudo vem do Pai e volta para o Pai. Dele saiu o Filho e o Espírito Santo (através do Filho). O Espírito tem a missão de reunir tudo em Cristo para a entrega definitiva ao Pai, no movimento de volta.

É à luz deste grande Mistério que tiramos a mística para a vivência de nossa vida comum e fraterna e para a missão. “A Igreja é essencialmente um mistério de comunhão, ‘um povo reunido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo’. A vida fraterna intenta refletir a profundidade e a riqueza desse mistério, apresentando-se como um espaço humano habitado pela Trindade, que difunde assim na história os dons de comunhão próprios das três Pessoas divinas” (VC, n. 41).

Nossa missão também deve privilegiar estes três aspectos do mistério trinitário: igualdade, diferença e comunhão. Assumimos como um espinho na carne o fato de a maioria da nossa Igreja e, conseqüentemente, a maioria de nossas congregações não termos assumido a **inculturação** como um valor na missão. Ela está mais no nível da proclamação do que no da realização. O fato de nos identificarmos com uma determinada cultura brota de uma concepção de educação e evangelização que esteve e está

mais a serviço da aculturação do que da inculturação. Hoje esta tarefa é muito mais difícil porque o processo de globalização mais unitariza do que diversifica, mais estandariza do que pluraliza. É menos difícil para a Vida Consagrada fazer a opção preferencial e evangélica pelos pobres do que pelos diferentes. A ausência de religiosos de etnia negra e indígena está a revelar este fato.

É claro que este fato tem suas raízes históricas e suas coordenadas teológicas. A velha evangelização foi (é) feita sob quatro coordenadas. A primeira é que o Reino de Deus se identifica com a Igreja (fora da Igreja não há salvação). A segunda, que a Igreja é o mundo. A terceira, que o mundo é o mundo conhecido europeu. A quarta, finalmente, é que o diferente disso é diabólico. Ao diabólico só há duas saídas: ou assumir a cultura dominante hegemônica, ou ser destruído. Tudo isto vem mesclado por perspectivas sociais, políticas e econômicas. Uma evangelização eficaz, sobretudo para uma congregação que trabalha com migrantes, é trabalhar numa perspectiva ecumênica e inter-religiosa.

#### **4.2. Juntos para servir**

Reunimo-nos em comunidades para nos amar e para servir o Povo de Deus dentro de nosso carisma específico. Um dos maiores desafios para a vida e missão de nossa comunidade provincial e local é o de entender as novas gerações e suas preocupações. A de hoje certamente é diferente da de hoje. Muito diferente. Ser diferente não significa ser melhor ou pior. Assim, os jovens não vêm para a Vida Religiosa não porque são menos bons que os das gera-

ções anteriores. Precisamos de novos parâmetros, sobretudo teológicos, que possam permitir uma maior aproximação ao pensar das novas gerações da assim chamada pós-modernidade. Mardones (1990, p. 189-204), citado por João Baptista Libânio, apresenta seis parâmetros básicos para esta aproximação:

##### **a. Um cristianismo da palavra pequena.**

As novas gerações preferem os sentidos à racionalidade. A tradição da fé cristã tem muita riqueza no campo dos sentidos através dos quais pode-se vivenciar uma fé. Evidentemente não se pode prescindir totalmente da verdade, do conhecimento teórico. Pode-se, no entanto, enfatizar mais a simbólica e a estética e a partir delas ir comunicando o essencial da nossa fé.

##### **b. Encontrar Deus em todas as coisas.**

Diz-se que estamos vivendo um momento de crise dos grandes projetos. O cotidiano é assumido radicalmente uma vez que o futuro não vem. A partir da encarnação de Jesus o cotidiano toma um valor imenso, mas também nele se manifesta a transcendência de Deus que não se fecha no cotidiano e na palavra pequena.

##### **c. A dimensão da gratuidade.**

A racionalidade moderna infeccionou profundamente a gratuidade. A lei da eficácia, o princípio do empenho substituíram o dom, a dimensão lúdica da vida. As novas gerações investem-se contra tal primazia da razão instrumental e ressuscitam um certo tipo de gratuidade. Entretanto, em muitos casos, esta gratui-

dade tem sido simples forma hedonista e hiperindividualista de buscar o prazer próprio. A verdadeira gratuidade não é exaltação do supérfluo e nem exaltação de si mesmo.

#### **d. A luta contra os ídolos**

É muito comum identificar ídolos, protestar contra eles, mas descomprometer-se com as conseqüências destas realidades idolatradas. O importante, no entanto, é comprometer-se com as suas vítimas, solidarizando-se com elas.

#### **e. O sentido e o niilismo**

É muito comum, hoje, o descompromisso com um sentido global e com uma instituição por não achar sentido nem em si e nem nelas. O importante, no entanto, é apresentar pessoas vivas que conseguiram e conseguem sustentar suas vidas e suas lutas.

#### **f. Nova orientação para o surto religioso**

Há uma sede de transcendência muito grande nas novas gerações que se manifesta desde a integração a grupos e comunidades emocionais, até ao consumo de drogas alucinógenas para "viajar para regiões espirituais" além da experiência diária. Cabe-nos apresentar que os desejos e sentimentos pessoais, devem levar necessariamente ao comunitário e à práxis.

#### **g. Uma teologia da esperança para os jovens-sem-esperança.**

A maioria das pessoas das novas gerações, porém, não pode nem pensar em ser jovens. Estão longe da realidade proposta nos cinco primeiros parâmetros. Dentro dos

fracassos, das lutas, cujo êxito não se vê, o Evangelho tem uma palavra de vida, de vitória, ao anunciar o mistério da ressurreição de Jesus. Qualquer luta, qualquer sacrifício, qualquer esforço, qualquer gesto de justiça e bondade, de solidariedade e companheirismo, não termina simplesmente no resultado percebido ou não percebido, mas vai para além, insere-se na vida definitiva. E esse caráter definitivo não é arrancado por ninguém, porque ele é o dom máximo de Deus.

#### **4.3. Tonalidades da formação**

Dentro deste novo contexto, também a formação, tanto inicial quanto permanente, adquire tonalidades novas, dentre as quais apresentamos as que consideramos mais importantes.

*Gratuidade.* Para a vida consagrada rege o princípio paulino do "tudo é graça". Cercados que somos, sobretudo em nossas obras, por pessoas que pouco ou nada optaram pela gratuidade, temos que manter viva a chama de que somos gratuitos, mas não supérfluos.

*Limite.* A concepção de vida consagrada como caminho da perfeição, não ajuda a compreendê-la e a vivê-la. Na experiência do limite brota o sentimento de arrependimento, de perdão e de reconciliação.

*Dialética entre "Absolutização" e a "relativização".* Só Deus é definitivo. Todas as outras realidades são relativas a este absoluto. Isto exige o dom do discernimento para ponderar, apreciar o valor relativo das coisas, das estruturas e dos relacionamentos.

*Gradualidade.* O caráter histórico atinge as dimensões biográficas do sujeito e de cada comunidade local e provincial. Exigir

a mesma medida de todos e em todas as situações pode causar rupturas, desconfortos e desajustes desumanizantes.

Este contexto que analisamos também exige de nós uma retomada vigorosa do estudo. Se o nível de expectativa de vida do povo brasileiro é grande, maior ainda o é o da vida consagrada. É muito comum encontrarmos consagrados e consagradas com mais de oitenta anos. Um religioso ou religiosa com sessenta anos, normalmente vai viver mais trinta anos. Há irmãos e irmãs com esta idade que já pararam no tempo e no espaço, literalmente. A perspectiva do estudo, hoje, no entanto, é muito diferente. Primeiro, porque assume o caráter de formação continuada. Não se trata de encher a cabeça de idéias e teorias para gastar na prática. Em estudo não há um agora e um depois. Há sempre um agora. Há momentos mais intensos de síntese, mas a vida é um estudo continuado. Depois, tudo na vida tem uma dimensão inter e transdisciplinar. Não basta mais se especializar numa área. É preciso aprender a transitar pelos vários saberes e pelas várias práticas. Todos, hoje, quem mais quem menos, temos que entender de biotecnologia e informática. É impossível fazer um curso de ciência da educação sem estudo da biologia e da química. Se assim não o for, não se vai entender as teorias de Maturana, Boaventura de Souza Santos, Edgar Morin, Thomas Kuhn, para não falar de outros.

#### **4.4. Frentes missionárias novas ou novas frentes missionárias**

Ligada à formação e ao estudo, temos o redimensionamento das obras. A primeira

e maior obra de uma Província é a construção de irmãos e irmãs. O maior tesouro de uma Província são os irmãos e as irmãs. O primeiro e a primeira responsável por esta construção e investimento, porém, é o próprio religioso ou religiosa. Há certas obras que os desgastam muito, que se justificavam anos atrás e que agora podem e devem ser redimensionadas. Isto só pode ser fruto de um discernimento conduzido pelos sinais dos tempos e pelo Espírito Santo de Deus. Há um apelo muito grande das irmãs para a abertura de novas frentes missionárias. O pedido é coerente. Não se trata tanto de frentes missionárias novas. Você pode abrir uma frente missionária, hoje, que já nasce velha.

Este redimensionamento passa por três grandes portas. A *primeira* é a da experiência de Deus. Redimensionar é tornar novo. Há uma antiga versão do salmo 42 que dizia: "Irei ao altar de Deus; do Deus que renova a minha juventude". A experiência de Deus na oração não é somente uma ocasião que o consagrado tem para fazer conhecer a Deus suas inquietudes e necessidades pessoais, mas é sobretudo a oportunidade que concede a Deus para que lhe fale e lhe faça conhecer a sua vontade. A experiência de Deus é sempre uma janela aberta por onde entra um ar novo e refrescante e, ao mesmo tempo, é uma porta aberta por onde entram novas pessoas e novos desafios. A *segunda*, é a convivência, sobretudo com os destinatários do nosso carisma. Um religioso e uma religiosa que já perdeu o contato físico e espiritual com as novas gerações, sobretudo com os mais pobres e excluídos, vai renovar o que e para quem? Tudo o que

somos e temos é para os pobres. Eles endereçam o nosso redimensionamento. Não estudamos para ajudar quem não precisa de ajuda, mas justamente o contrário. Os pobres endereçam nossa formação e nosso estudo, porque é para eles que estudamos e nos formamos. *Finalmente*, um bom redimensionamento só pode ser feito com pessoas que estudam e se comprometem com a sua formação continuada e da Província e Congregação. A falta do sentido de pertença a uma comunidade, a pretensão de ir sozinhos para Deus, não permitem encontrar Deus, nem ouvir a sua Palavra.

Um bom critério para o redimensionamento é saber atuar em rede. Nenhuma congregação se basta a si mesma. Hoje se fala muito de parcerias. É preciso, no entanto, fazer uma distinção entre parcerias e alianças. Podemos fazer *parceria* com qualquer pessoa e com qualquer instituição. As parcerias são feitas para trabalhos específicos. Fazemos *aliança* com quem comunga de nossos ideais e se compromete com o Evangelho da Vida. A primeira grande aliança é com nossa própria Congregação. Há trabalhos que devem ser feitos na perspectiva mais global da Congregação. Não só, mas há trabalhos que devem ser feitos interprovincialmente. Não se pode multiplicar obras e ações sem uma coordenação maior para maior visibilidade e incidência.

Houve épocas em que nosso trabalho era realizado na perspectiva da suplência. Por exemplo, não havia escolas numa determinada região e nós abríamos uma, para suprir esta carência. Do mesmo modo, para a formação das irmãs e irmãos não havia escola e fundávamos uma nossa.

Hoje, esta necessidade propriamente não existe mais. Estatisticamente, em termos de Brasil, 87% das escolas de todos os níveis são mantidas pelo poder público, 10% estão nas mãos da iniciativa particular e apenas 3% são confessionais. Se fechassem todas as escolas católicas, hoje, no Brasil, esta fatia de menos de 3% seria absorvida imediatamente quer pelo poder público quer pela iniciativa privada. Nossa presença em qualquer lugar e estrutura da sociedade civil, também na perspectiva dos migrantes, é para sermos um ponto de referência (alguns chamam de excelência) na defesa da cultura da vida contra a cultura da morte. A presença dos leigos junto conosco em nossas obras tem este ponto de referência fundamental. Ou somos significativos, ou somos insignificantes. Justamente porque as nossas obras carregam esta significância, é que se torna muito difícil discernir sobre o redimensionamento. Uma obra profética atrai muita adversidade clara e oculta. Se não estamos imbuídos do Evangelho do Senhor, ou desanimamos ou somos cooptados pelo sistema dominante.

#### ***4.5. Da lamúria da decadência ao cultivo da esperança ativa***

Amedeo Cencini alerta para um dos grandes males da vida religiosa que é o roubo da esperança. Temos que evitar “tudo o que nos impede de entender o momento presente, estar abertos ao sentido da história que a vida consagrada está vivendo, projetada entre um passado que não existe mais – e que, portanto, não pode ser lamentado nem desenterrado – e um futuro que precisa ainda ser bem decifrado – e, por isso, deve ser

perscrutado com extrema atenção e sempre, mantendo viva a esperança” (Cencini, 2003, p. 264). Ele alerta contra um certo espírito anti-histórico que se “atualmente também há entre nós os que criticam e atacam, estão desanimados e semeiam desânimo, choram o passado e não esperam futuro, vivem num presente que não amam e no qual não conseguem enxergar o Espírito de Deus que está atuando” (Cencini, 2003, p. 264). O outro lado da moeda seria querer viver um futuro que não existe e que é impossível querer adivinhar.

Diante de uma sociedade de laços fracos vemos a opção evangélica da vida consagrada como uma alternativa de vida profunda, humanizadora, feliz e simples. O evangelho de Jesus – sua práxis e sua mensagem – oferece um estilo de vida alternativo ao estilo vigente, em sua época e na nossa. Assinalo alguns traços que mereceriam ser assumidos de modo especial num estilo de vida alternativo, para que este seja de fato radicalmente evangélico, socialmente significativo e escatologicamente subversivo da ordem desumana vigente.

a. O estilo de vida alternativo deve caracterizar-se pelos traços de: *profundidade* sem fingimento, *unidade* sem rigidez, *autenticidade* sem exageração. É preciso cultivar um estilo de ser no qual se articule o desejo com a eficácia, o sentimento com a inteligência, a inspiração com a vontade. Este será o estilo de vida alternativo a tanta forma sem conteúdo, a tanta aparência sem realidade, a tanto ruído sem mistério.

b. A alternativa evangélica favorece um estilo de vida no qual as coisas não

sejam possessões, mas mensageiras do amor universal; no qual o uso dos bens não seja consumo, e sim plenitude de significado; no qual o ter não suponha privar os outros, mas partilha com todos. O estilo de vida evangélico exige hoje alguns traços alternativos a uma cultura que distorceu o sentido do ter. A austeridade alegre, o autodomínio humilde, a necessidade sentida sem fingimento: são traços de um estilo de vida que brota da primeira bem-aventurança evangélica: “Bem-aventurados os pobres no coração” (Mt 5,3).

c. O cristianismo introduziu na cultura ocidental a dialética do ora et labora, tão bem vivido por diversas ordens religiosas. Daqui brota um estilo de vida no qual a laboriosidade é conatural à existência humana, no qual o trabalho tem o significado da obra bem feita e no qual o ócio (a contemplação) é o contraponto necessário para atuar equilibrado. Hoje é preciso criar uma cultura alternativa do trabalho, destacando nele não só a significação profissional, mas, sobretudo as dimensões de serviço à comunidade.

#### **4.6. O desafio ético**

Há questões sempre novas a serem enfrentadas. Há poucos anos atrás pouco se falava de algumas questões que perpassam nossa vida hoje, como por exemplo, a biotecnologia e a nanotecnologia. É-nos impossível acompanhar todos e cada um destes campos da ciência e da tecnologia. No entanto, a Palavra de Deus precisa iluminá-los também. Ela somente terá condições de ser Palavra se souber iluminar a todos estes campos.

Numa viagem à Índia, Einstein encon-

trou-se com um sábio hindu que de choque lhe perguntou: "Até que ponto suas teorias ajudaram a diminuir o sofrimento humano?". Esta continua sendo a grande pergunta: até que ponto a ciência e a tecnologia têm ajudado a humanidade a ser melhor, mais holística, mais ecológica e mais humana. O mundo está nas mãos humanas. Prometeu desacorrentou-se, mas pode ter caído nas mãos de Narciso. O narcisista é aquele que centrou tudo e todos em si mesmo. Olha a tudo e a todos como se fosse o seu espelho, uma projeção e imagem sua. Isto pode acontecer de duas maneiras. A primeira é quando se faz ciência e tecnologia unicamente como vontade de poder, de domínio e de fascínio. A outra é quando se usa a ciência e a tecnologia para proveito próprio e não para o crescimento integral, integrado e integrador de toda a humanidade.

O consagrado não tem medo do progresso atual que lhe é fascinante e, ao mesmo tempo, terrível. Sua fé não o deixa fechar-se num fundamentalismo obscurantista, mas também não o joga a uma aventura sem projeto e sem sentido. Sua palavra é ética, mas não moralista. Ela não é moralista, porque não condena. Ela é ética porque ilumina denunciando e anunciando.

## Conclusão

No seguimento de Jesus Cristo, somos sempre interpelados pelos sinais dos tempos e pela sua Palavra. Vivemos um tempo de contemporaneidade incontestável, isto é, vivemos no mesmo tempo cronológico, mas nem todos vivemos no mesmo tempo histórico e kairótico. Se

tudo é graça, também a aceleração do tempo histórico é graça. Os sinais dos tempos estão aí acelerados. A agricultura precisou de nove milênios para dar vez à indústria. À indústria bastaram apenas dois séculos pra parir a nova sociedade em que estamos agora metidos até o pescoço. Não estamos apenas vivendo uma época de mudança, mas uma verdadeira mudança de época. Talvez estejamos nos albores de uma revolução verde, graças à biotecnologia que possa levar alimento a todos os povos da terra.

Todas estas mudanças profundas trazem desafios enormes para a vida das organizações e instituições. Se olharmos do ponto de vista da migração, para alguns ela significa valor. É cada vez mais raro alguém nascer e morrer no mesmo lugar. Ao longo da vida, um americano muda de casa em média vinte vezes; um europeu, dez. Evidentemente que não é desta mobilidade que estamos falando. Estamos falando da mobilidade dos excluídos. A globalização está gerando uma concentração de poder econômico e político sem precedentes. A contraface desta moeda é a exclusão. Ao mundo de hoje sobram quatro saídas. Primeira, continuar reforçando o fosso da concentração, largando os excluídos à própria sorte numa grande apartação mundial onde cada nação e cada pessoa sabe qual é o seu lugar. Segunda, estabelecer uma rivalidade grande entre os blocos econômicos gerando mais concentração ainda, vencendo quem é mais forte. Terceira, os excluídos romperem com os muros tecnológicos, econômicos e até físicos, forçando uma grande emigração para os países ricos do norte gerando terrorismo, miscigenação, racis-

mo, fundamentalismos, perseguição, morte. Quarta, a geração de uma cultura da solidariedade.

Se a globalização é usada para a geração de uma cultura narcisista, isto é, com pessoas, grupos, nações e culturas preocupadas apenas consigo mesmas, ela pode gerar também uma nova cultura ligando pessoas, instituições e, sobretudo, ONGs de todos os quadrantes da terra para a geração de uma convivência mais pacífica e solidária. Nunca as possibilidades da humanização do mundo

foram tão grandes e, ao mesmo tempo, nunca se concentrou tanto poder nas mãos de tão pouca gente.

A vida religiosa, neste sentido, é contracultural, profundamente profética, apoiando, educando e evangelizando pessoas para participarem da grande epopéia da construção de uma civilização da paz porque fundada na justiça.

---

Endereço do autor:

Rua Eduardo Chartier, 360 - Higienópolis

90520-100 PORTO ALEGRE - RS

E-mail: sandrini@dombosco.net

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1- Como você e sua comunidade entendem a construção de uma Vida Consagrada sólida, numa sociedade de laços frágeis? Concretamente o que isso significa para vocês?
- 2- Quais os aspectos da prática de Jesus com os excluídos que precisam ser mais revitalizados hoje na sua comunidade?
- 3- A sua comunidade está consciente dos grandes desafios que as mudanças radicais de hoje estão colocando para a formação na Vida Consagrada? Como pensa responder a eles?

“**Acredito que uma das tarefas mais difíceis na vida cristã e, conseqüentemente, na vida consagrada, é discernir entre o absoluto e o relativo.**”

# “Cavalaria Ligeira” de ontem, equipe itinerante de hoje.

ARIZETE MIRANDA DINELLY CSA, VANILDO PEREIRA SJ E FERNANDO LÓPEZ SJ

Nossa pequena história se passa na Amazônia Brasileira. Começa com o nascimento do Distrito dos Jesuítas da Amazônia (DIA) – em maio de 1995, quando se criou a partir da província dos Jesuítas da Bahia e se nomeou o Pe. Claudio Perani, SJ como primeiro superior. A superfície total de DIA é de aproximadamente 3.100.000 Km<sup>2</sup> (6 vezes a superfície de Espanha!). Integra os Estados mais ao norte do Brasil: Roraima, Amazonas, Acre, Pará e Amapá. Uma imensa região no coração da Amazônia com uns 8 milhões e meio de habitantes pertencentes a uma diversidade muito grande de povos indígenas (mais de 100), imigrantes de diferentes Estados e “caboclos” fruto da mestiçagem e que representam a população majoritária da região.

Diante desta realidade desafiante, nasceu o “Projeto de Itinerância” no primeiro encontro de DIA (junho/1996). O fundamento da experiência está na própria pessoa de Jesus, em seu modo itinerante (*de aldeia em aldeia*) de viver e anunciar a Boa Notícia do Reino e sua Justiça. Também nos inspirou a vida dos primeiros Jesuítas, o modo como percorriam o mundo como “cavalaria ligeira”, a serviço da Igreja e da Vida Abundante proposta pelo Evangelho. Em particular, para nós foi muito importante conhecer a grande mobilidade que tinham os primeiros Companheiros que chegaram a esta região ama-

zônica no século XVII (antiga província do “Grão Pará”). Incansavelmente percorriam, em pequenas embarcações a vela e a remo, as aldeias e povoados indígenas estendidos ao longo da imensa rede fluvial do rio Amazonas e seus afluentes; subiam e desciam o Amazonas, desde o Atlântico até o Peru. Se hoje, com todos os meios que se têm é difícil chegar a muitas regiões e aldeias (necessitam-se bons guias e se demora várias semanas de viagem), como não seria naquela época! Em nossas viagens, quando rezamos e recordamos aqueles primeiros missionários, sentimos uma profunda admiração e a eles nos encomendamos.

Ajudou muito a concretizar o Projeto de Itinerância conhecer as demandas de formação que vários bispos e instituições apresentaram. Daí surgiu a pergunta, por que não colocar-nos a serviço das comunidades, organizações e instituições, com uma estrutura bem leve e móvel? E a intuição fundamental se concretizou: “Apoiar as iniciativas dos outros!”.

Nos primeiros momentos, o impulso, a coragem e a liberdade de espírito do Pe. Cláudio foram fundamentais. Tendo apenas uns 20 Jesuítas para todo o DIA, liberou três para a Equipe Itinerante e nos disse: *“Dediquem-se a andar pela Amazônia. Visitem as comunidades, as igrejas locais, as organizações. Observem tudo cuidadosamente e escutem atentamente o que o*

*povo diz: suas demandas e esperanças, seus problemas e soluções, suas utopias e sonhos. Participem da vida cotidiana do povo. Observem e registrem tudo. Anotem o que o povo diz, suas próprias palavras. Não se preocupem com os resultados. O Espírito irá mostrando o caminho".* E abrindo o mapa da Amazônia correspondente ao DIA, com um grande sorriso concluiu: *"Comecem por onde puderem!"*

A primeira Equipe Itinerante foi constituída pelo Pe. Albano Ternus SJ e o Pe. Paulo Sérgio Vaillant SJ (janeiro/1998). Iniciaram o trabalho nas áreas de invasão das periferias de Manaus (capital do Estado de Amazonas) e com as pequenas comunidades ribeirinhas assentadas às margens dos rios. Logo se somaram o Pe. Fernando López SJ e a Irmã Arizete Miranda Dinelly CSA, para trabalhar junto às comunidades indígenas e em articulação com o Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

Durante os dois primeiros anos do projeto (1998-1999), cada um dos membros vivia em sua comunidade e se uniam para o trabalho em Equipe. Depois, no final de 1999 e início de 2000, chegaram novas forças: o Pe. Paco Almenar SJ, o leigo Tadeu Moraes, a Irmã Odila Gaviraghi FSCJ e a leiga Claudia Pereira, enviada pelo Projeto Missionário do Regional Sul 3 da Conferência dos Bispos do Brasil.

Juntos discernimos e decidimos criar a Comunidade Itinerante como um espaço para compartilhar nossa fé, vida e missão itinerante. Juntos saímos para buscar um local onde viver. Procuramos nos bairros pobres de palafitas, onde vivem o 10% da população de Manaus. Encontramos três palafitas juntas que a todos agradaram. Em seguida nos trasladamos a viver nelas (fe-

vereiro/2000). Em uma das palafitas se instalaram os homens, noutra as mulheres e na terceira se colocou a cozinha e a capela. Nossos vizinhos, pessoas pobres vindas do interior, nos acolheram como família. Com eles aprendemos cada dia muitas coisas, especialmente a cultivar a esperança e a alegria de viver, apesar de todas as dificuldades do dia a dia.

Ao longo desses anos, várias pessoas (leigas/os e religiosas/os) fizeram experiência com a equipe e a comunidade itinerante. Temos a experiência da Irmã Rosalina Alves MJC e da Irmã Fátima Barbosa CSA, que vivem em suas comunidades e fazem parte da Equipe Itinerante (não da Comunidade). Outra experiência que está sendo muito rica é a participação de religiosos/as em formação. Primeiro foi um diácono franciscano, Fr. Evandro, que passou uns seis meses com a Equipe antes de ordenarse. Depois foi a Irmã Zenaide FSCJ, juniora, que esteve fazendo seis meses de prática pastoral antes de realizar seu último ano de teologia. Atualmente estão fazendo uma experiência de dois anos dois estudantes Jesuítas, Hugo Lorenzo (Paraguay) e Vãnildo Pereira (Nordeste Brasileiro).

Um passo muito importante foi dado em outubro de 2002, quando tivemos a primeira reunião da Equipe Itinerante com todas as Instituições e Congregações que participam do projeto (4 atualmente). A partir daquele encontro, o Projeto da Equipe Itinerante foi assumido inter-institucionalmente, constituindo-se assim em "um espaço inter-institucional de serviços", onde cada instituição que participa se responsabiliza das pessoas que envia.

Ao longo do caminho percorrido nesses cinco anos, definimos melhor os objetivos

do Projeto. Nosso objetivo geral é despertar, incentivar e apoiar os projetos dos outros, as iniciativas locais existentes entre os ribeirinhos, marginalizados urbanos e indígenas, para que eles sejam sujeitos de sua libertação e história, verdadeiros filhos de Deus. Nosso desejo mais profundo é fazer-nos presentes nas regiões mais abandonadas da Amazônia, nos ambientes mais agressivos, injustos e opressores, onde a vida está mais ameaçada, as culturas desrespeitadas e os direitos humanos ignorados, *"onde ninguém quer estar, com quem ninguém quer estar!"*. De modo mais específico, procuramos conhecer a vida concreta das pessoas, aprender com elas a maneira de servi-las melhor, contribuir com assessorias específicas, ajudar na formação das comunidades e dos agentes multiplicadores das igrejas, pastorais sociais, movimentos populares, organizações sociais e indígenas. Queremos facilitar o intercâmbio entre as diversas e ricas experiências existentes, procurando tecer redes de solidariedade entre elas.

Pouco a pouco, identificamos melhor os sujeitos do Projeto. Nos perguntamos: Quem são os mais marginalizados e excluídos na Amazônia? E emergiram os rostos concretos dos marginalizados urbanos, ribeirinhos e indígenas.

Os marginalizados urbanos que acompanhamos vivem nas áreas de invasão da cidade de Manaus. São famílias que chegam para tentar a sorte na "grande cidade" e buscar melhores condições de vida. Vêm do interior da Amazônia, de comunidades ribeirinhas ou aldeias indígenas, também de outras regiões e Estados do Brasil. É interessante saber que Manaus tem mais de 1,5 milhão de pessoas (60% da população

do Estado). É a capital brasileira onde a riqueza e a renda estão mais concentradas nas mãos de uns poucos. Os 95% da renda estadual estão na chamada "Zona Franca" (pólo industrial). A população de Manaus cresce vertiginosamente (12% anual) de forma desordenada. São contínuas as "invasões" de terra por parte dos setores mais empobrecidos, que chegam desesperados do interior da região, fugindo do abandono total do Estado em matéria de serviços públicos (educação, saúde, produção, trabalho, etc.). Milhares de pessoas se instalam nas margens da cidade (a horas do centro); derrubam a selva e cravam seus barracos na terra, sem nenhum tipo de ajuda nem de serviços básicos. O desemprego e a violência são muito altos. A fome faz parte do cotidiano. A pergunta que nos vem repetidas vezes é: Como estas famílias se sustentam? Pois a imensa maioria está sem emprego e com muitas crianças... E nos admiramos ao ver que apesar de tudo, o que nunca falta é um sorriso no rosto dessas pessoas, particularmente das crianças que brincam alegres como si nada estivesse errado em toda aquela realidade. E como nos dizia um senhor: *"Aqui, cada família é uma história, uma situação, uma bênção, uma tragédia... Muitos casais sobrevivem unidos, entre brigas, brincadeiras sobre a própria situação e contudo, querendo-se bem... Uma mistura incrível. Um desejo de viver impressionante, isso é o que não falta!"*

Os ribeirinhos são fruto do encontro de vários povos: emigrantes do nordeste e de outros Estados do País, que vieram para a Amazônia no século XIX, durante o "ciclo do caucho", e formaram família com indígenas de diversas etnias da região, dando origem à "cultura caboçla". Os ribeirinhos

são habitantes e trabalhadores das ribeiras dos rios e lagos. Vivem em pequenos povoados ou em casas isoladas, em palafitas ou em casas flutuantes. Fundamentalmente se dedicam à pesca e plantam nas margens dos rios (*várzea*) durante o tempo de seca (6 meses). Costumam trasladar-se para “terra firme”, interior da selva, durante o tempo de inundação (6 meses), dedicando-se à colheita e venda de diversos produtos silvestres (*extrativismo*). A alimentação básica é a farinha de mandioca e a pesca. Hoje, os ribeirinhos são a população mais “desorganizada” e desassistida da região amazônica. *“Aqui somos abandonados até nos tempos de política. Um ou outro vem por aqui, e quando vêm, é para prometer tudo de que precisamos: escolas, postos de saúde, transportes, luz, etc. Tudo fica em promessas... Começa o ano e se acaba o ano; os anos vão passando e a vida continua igual ou pior.”* – nos dizia um velho ribeirinho cansado das falsas promessas dos políticos. Os ribeirinhos estão num processo de afirmação de sua identidade como realidade social diferenciada.

Os indígenas são os donos e habitantes ancestrais e originários da selva amazônica, com línguas e culturas milenárias. De 5 milhões que eram no ano 1500, quando chegaram os portugueses, passaram a ser apenas uns 200 mil durante a ditadura militar (1975). O projeto militar propunha integrar e acabar com todos os indígenas para o ano 2000. Contudo, os povos indígenas lutaram, resistiram e se multiplicaram... Atualmente, os indígenas do Brasil são uns 734 mil, organizados em 240 povos que falam umas 180 línguas diferentes. Dessa população, 51% vivem na Amazônia; 70% vivem nas aldeias e 30% nas

ciudades. Ainda existem uns 40 pequenos grupos sem contato com o ocidente. Além disso, na atualidade, há um forte processo de “ressurgimento” de povos indígenas que viviam camuflados como “brancos” para poder sobreviver. Entre os desafios principais que os povos indígenas enfrentam hoje podemos citar: demarcação e proteção de suas terras; militarização das áreas; invasão das empresas mineradoras, madeiras e de biodiversidade (biopirataria); respeito a seus direitos diferenciados em matéria de educação, saúde, organização socio-econômica, crenças, valores culturais e religiosos, etc.

*“Vocês, os brancos, dizem que nós não somos civilizados... Quando eu visitei a cidade de vocês, vi seus anciãos dormindo nas ruas e muitas pessoas brancas comendo do que outros brancos jogavam no lixo, vi crianças abandonadas por suas famílias vivendo debaixo das pontes... Isso não acontece em nossas aldeias. Se isso é civilização, nós não queremos ser civilizados!”* – nos dizia um líder ancião Pataxo. E a verdade é que, a partir de nossa convivência com vários povos indígenas, cremos profundamente que o saber milenar, valores culturais e espirituais desses povos são um valiosíssimo tesouro para a humanidade. São sementes de solução para muitos dos graves problemas que vivemos hoje no ocidente.

A intuição que temos como Equipe é que aqui, na Amazônia, há profundas intercalações entre esses três sujeitos históricos. De fato podemos observar que muitos marginalizados urbanos foram ribeirinhos ou são indígenas que saíram de suas aldeias. Por isso a Equipe Itinerante está constituída de três sub-Equipes, uma para cada sujeito histórico. Juntos tentamos

estudar, compreender e aprofundar essas três realidades para responder melhor a elas.

Entre as viagens, e de forma mais sistemática três vezes ao ano, todos os membros do Projeto Itinerante nos encontramos uns 10 dias para descansar, avaliar, estudar, programar, rezar e partilhar nossa missão e nossa vida comunitária. Foi nesses encontros que definimos melhor alguns traços de nossa metodologia: *“Ir ao lado do povo, nem atrás, nem na frente, ao ritmo da canoa, sendo a práxis e a teoria os dois remos necessários para avançar; “desempoderar-nos”, diminuir para que eles cresçam; reciprocidade e interdependência; escuta e diálogo; inserção e inculturação; registrar, sistematizar e devolver a experiência, trocar experiências e tecer redes...”*

Pouco a pouco sentimos também a necessidade de explicitar alguns traços da “espiritualidade itinerante” que vivemos: *“Itinerar, interna e geograficamente, deixando-nos conduzir pela brisa do Espírito de Deus, discernindo sua Vontade, no cotidiano da vida dos pobres, diferentes e excluídos”. Uma espiritualidade que supõe “sair de si para descer ao encontro e ao serviço dos outros, mobilidade e agilidade, complementaridade e corresponsabilidade, inculturação, diálogo intercultural e inter-religioso, amizade, solidariedade e frater-*

*nidade, bom humor para rir-se das limitações próprias e dos outros”.*

Nosso Projeto Itinerante está aberto a leigas e leigos, religiosas e religiosos de diferentes congregações, presbíteros e outras pessoas que queiram somar forças com os marginalizados urbanos, ribeirinhos e indígenas desta imensa Amazônia.

Como perspectiva do Projeto, pensamos ir regionalizando pequenas “células itinerantes” nas fronteiras. Em concreto, para 2004, estamos discernindo abrir uma Comunidade e Equipe Itinerante no Alto Rio Solimões, na fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, com base numa das cidades fronteiriças (Tabatinga, Leticia ou Santa Rosa), para servir e apoiar as igrejas, organizações e comunidades urbanas, ribeirinhas e indígenas da região, para intercambiar experiências, tecer redes de solidariedade e “romper as fronteiras”. Como nos dizia um amigo teólogo, Pe. Paulo Suess: *“A Igreja nasceu como a Igreja dos caminhos, aqui, na Amazônia, deve ser a Igreja dos rios”* Venham, vamos itinerar e “remar” com os povos da Amazônia!

Endereço:

Rua Luiz de Freitas, 113

São Jorge - 69033-540 - Manaus - AM - Brasil

Telefone/Fax: (92) 625-2899

Equipe Itinerante: [itiner@argo.com.br](mailto:itiner@argo.com.br)

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1- Que aspectos da experiência missionária narrada no texto chamaram mais a sua atenção? Por que?
- 2- Você considera interessante e oportuna a existência de comunidades itinerantes nos contextos mais difíceis de missão no Brasil? Por que?

# Ética e espiritualidade em favor da vida no Universo<sup>1</sup>

FREI MARCIO HENRIQUE PEREIRA, OFM

*“Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas... Louvai e bendizeis a meu Senhor e rendei-lhe graças e servi-lhe com grande humildade” (São Francisco de Assis – Cântico das Criaturas)*

Tratar de meio ambiente em nossos dias tornou-se um lugar-comum. Todos falam, a mídia propala, a sociedade se sensibiliza... Há nisto evidentemente um aspecto bastante positivo, concernente à sensibilização social diante do tema e porque, pela primeira vez na história, estamos diante de verdadeiro risco (e não apenas ameaça) de “destruição” planetária, em virtude da acelerada depreciação ambiental. Por outro lado, a vulgarização do tema pode conduzir a seu desprestígio, a concebê-lo como um assunto em voga, em que todos sabem tudo de coisa alguma: um vazio epistemológico.

Mais que qualquer outro tema, a questão ambiental sugere um enfoque transdisciplinar.

A transdisciplinaridade pode ser definida como um processo de intercâmbio

entre diversos campos e ramos do conhecimento científico, nos quais uns transferem métodos, conceitos, termos e inclusive corpos teóricos inteiros para os outros, que são incorporados e assimilados pela disciplina importadora, induzindo um processo contraditório de avanços/retrocessos de conhecimento, característico do avanço das ciências”<sup>2</sup>.

Considerada deste modo a transdisciplinaridade “representa uma proposta de conhecimento que busca organizar-se num limite além do já traçado pelas disciplinas tradicionais”. É uma postura mais ousada, em que se ultrapassa as fronteiras disciplinares, ninguém é “dono” de um assunto<sup>3</sup>. Em razão disto, não pode ser tratada com leviandade, mas exige uma série de procedimentos cautelares na investigação<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Reflexões apresentadas durante o II SIGA - Seminário Interativo de Gestão Ambiental da ESALQ (Escola Superior de Agronomia “Luiz de Queiroz”) - campus de Piracicaba (SP) da Universidade de São Paulo - USP.

<sup>2</sup> Leff, 2002: 83.

<sup>3</sup> Abreu Jr., 1996: 178-9).

<sup>4</sup> cf. Leff, *ibid.*: 83-86.

Este é, ao que nos parece, o mote pelo qual nos propusemos esta discussão: a construção de uma saber ambiental, que por sua complexidade, exige uma reflexão de maior amplitude, um enfoque transcientífico e transdisciplinar.

Evidentemente, não nos é possível tocar todas as dimensões tangentes ao tema. Buscaremos nos concentrar a um escopo mais modesto: uma espiritualidade, podemos dizer assim, ambiental. E acrescentamos, em decorrência do vínculo indissociável à espiritualidade, uma ética ambiental. Advertimos, todavia, que não existe propriamente uma espiritualidade ou ética ambientais, o que existe é a espiritualidade e a ética, como tais, que perpassam a vida humana em sua integridade, e necessariamente tgem à questão ambiental, hoje o sabemos mais do que nos tempos pretéritos.

### **Ética e Espiritualidade – que significam?**

Em sua origem, o termo *ética*, constituída do radical grego *ethos*, remete ao lugar onde o homem vive, mora e passa o tempo, tem uma ressonância cósmica. Ética refere-se ao comportamento moral humano, concerne à consciência, às opções que o homem ou a sociedade humana realiza, mediante parâmetros axiológicos (conjunto de valores). E a concepção subjacente de homem é enquanto ser social, enquanto espécie, masculino e feminino, e não tomado isoladamente.

O recurso ao valor original cósmico da ética obriga-nos a tomar consciência,

por contraste, de que a reflexão moral do homem ocidental moderno se descuidou completamente da importância ética de tudo o que não se refere ao homem em primeira pessoa. Em torno do homem encontramos somente outros homens; e, depois, o vazio... O *ethos* do homem ocidental considerou-se menos obrigado ainda para com os outros habitantes de sua casa... O homem encheu-se de orgulho pelo fato de se sentir sujeito, dotado de poderes arbitrários sobre o objeto-natureza (a fórmula cartesiana ecoa literalmente: *maîtres et possesseurs de la nature*). Quando a técnica multiplicou seu poder, ele chegou precipitadamente à bancarrota atual<sup>5</sup>.

A ética a que nos propomos cuidar aqui é justamente aquela relativa à integridade das relações cósmicas, em cujo seio a consciência ambiental é elemento imprescindível e o homem é visto como ser relacional e a natureza não apenas como objeto, mas também sujeito.

A ética, em nossa consideração, está vinculada à espiritualidade. Termo originalmente concernente à *spiritus*. Portanto, tanto tange à dimensão transcendental e “imaterial” da vida, como, na tradição cristã, relativo, à força dinâmica e imperiosa, que é o Espírito, constituinte da Trindade – cuja origem terminológica é referente ao *sopro* (*ruah* – termo feminino do hebraísmo e *pneuma* – termo grego neutro). Entretanto, não queremos de modo algum aqui incidir no dualismo pernicioso que se introduziu na espiritualidade cristã ociden-

<sup>5</sup> Spinsanti, 1989: 299.

tal, por força da herança de algumas escolas filosóficas helênicas, pela qual se entendia a carne como apartada do espírito. Para nós, a espiritualidade é indissociável da dimensão corpórea.

Antes a espiritualidade em nossa abordagem é a assunção de um modo de conceber e viver a vida embasado numa postura de autenticidade, de interioridade e liberdade.

O renovado interesse espiritual de nossa época brota de profundas exigências de autenticidade, de dimensão religiosa, de interioridade e de liberdade, que não satisfaz a sociedade consumista. A civilização industrial não cumpriu suas promessas: em vez de oferecer um mundo segundo a medida do homem, em que este pudesse morar e conviver procurando o bem comum, trouxe-nos, entre outras coisas, o critério da produtividade como parâmetro de valor, a massificação e a manipulação das pessoas, uma angustiante incomunicabilidade, um futuro ameaçador, a atrofia dos sentimentos e a poluição ecológica. O homem de hoje quebra a couraça repressiva que a sociedade lhe impõe, brandindo as aspirações mais radicalmente inseridas no seu ser; dá razão a Bergson e escuta seu apelo sobre a necessidade de oferecer um mundo moderno um "suplemento da alma", que permita ao homem evitar ser esmagado por suas próprias produções e encontrar a si mesmo de modo autêntico<sup>6</sup>.

É uma espiritualidade que não toca o homem sozinho, mas o aconchega junto aos seres com os quais compartilha o Universo. Uma espiritualidade que é compromisso com o mundo e no mundo, libertadora, comunitária, histórica e solidária, que se nutre da esperança/utopia e fomenta a co-responsabilidade criativa. E espiritualidade é modo de saber, não consignada propriamente em manuais e livros, e tampouco restrita ao conhecimento acadêmico-científico, mas certamente é modo de saber e mesmo de saber ambiental.

Como nos recorda Enrique Leff, o saber ambiental exige o diálogo entre saberes e conhecimentos e neste campo, cremos que subsiste o espaço do saber espiritual.

A complexidade ambiental, emerge do diálogo entre saberes e conhecimentos, da produção de novos entes e ordens híbridas que provêm da projeção metafísica do mundo e da intervenção tecnológica da vida. O saber ambiental forja-se neste campo. No entanto, também introjeta o silêncio do sujeito e a rejeição do objeto do conhecimento; da incerteza, do incognoscível e o enigmático<sup>7</sup>.

Uma apropriada hermenêutica da complexidade ambiental vale-se tanto do dito como do não-dito. Silêncio, rejeição, incerteza, o incognoscível, o enigmático não são elementos prescindíveis mas sobretudo relevantes na reflexão sobre a vida. Muitas vezes, a interpretação é vislumbrada melhor pela compreensão des-

<sup>6</sup> S. de Fiores, 1989: 347.

<sup>7</sup> Leff, 2003: 175.

tes elementos, até pelo negado, do que pelo manifesto, pelo afirmado.

## Uma história de domínio e destruição ambiental no Ocidente

Nem sempre pensamos como hoje no sentido do respeito ao complexo das relações ambientais. Por longo tempo, em consequência de uma interpretação homogênea e unívoca dos textos sagrados das principais religiões monoteístas, judaísmo, cristianismo e islamismo, supusemos que a experiência do ser humano com seu Deus era marcada pela exclusividade. Ou seja, o homem e Deus, centros do universo, comunicavam-se de tal modo que prescindiam do relacionamento com os outros seres para a experiência de fé. Ainda que se considerasse o universo como obra da criação, o homem era o *Dominus*, senhor – por delegação especial e expressa de Deus, a quem competia, pois, o *domínio/senhorio* sobre as outras criaturas. Esta imagem é muito bem expressa no primeiro livro disposto na Sagrada Escritura (não o primeiro em ordem cronológica), que é o Gênesis, já no primeiro capítulo, conforme a versão consagrada no Ocidente: “Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos e prolíficos, enchei a terra e *dominai*-a. *Submetei* os peixes do mar, os pássaros do céu e todo animal que rasteja sobre a terra” (Gn 1, 28). A idéia do homem dominador e da criação submissão passou, de geração a geração, no Ocidente cristão. A deterioração ambiental emerge como consequência da dominação e justificada por ela.

Durante séculos, não se cogitava nem da vulnerabilidade da biodiversidade nem das consequências à sociodiversidade, porquanto o sistema econômico-social não oferecia as ameaças planetárias verificadas depois da revolução industrial, em que o ritmo crescente das transformações tecnológicas acarretaram índices de devastação antes inopinados.

O próprio livro do Gênesis, em seguida, permite entrever uma outra postura em relação ao cosmos, de cuidado, de proteção. Em Gn 2,15 se lê: “O Senhor Deus tomou o homem e o *estabeleceu* no jardim do Éden para *cultivar* o solo e o *guardar*”. *Cultivar, guardar*, em íntima conexão com *estabelecer* implica numa postura diferenciada, não tanto de dominação/submissão mas de reciprocidade, de presença, de cuidado...Subjaz no texto uma antítese lexical entre feminino (*solo* em hebraico) e masculino (*Éden* em hebraico)<sup>8</sup> que deixa transparecer a imagem de fecundidade, de simbologia erótica, de seres que se tocam e se completam. Mas são vozes olvidadas no mundo ocidental.

Claro está que, ao longo da história, houve vozes dissonantes, pessoas iluminadas e intuitivas, que não percebiam as coisas do mesmo modo, dentre o quais o mais conhecido é Francesco Bernadonni, o nosso Francisco de Assis, do século XIII, de quem nos ocuparemos melhor a seguir. Mas houve outros, até antes dele, que o precederam numa concepção, digamos assim, “ecológica”, como a mística alemã Hildegard von Bingen, abadesa beneditina que tinha uma visão ho-

<sup>8</sup> Cf. TEB 2,15, p. 27, nota de rodapé m.

lística privilegiada ao seu tempo e que cultivava a prática de uma espécie de medicina fitoteurapêutica.

### **A teologia cristã acerca do Espírito e a Nova Criação, como expressão de um saber ambiental e a espiritualidade franciscana**

Nos Atos dos Apóstolos, um dos livros principais do Novo Testamento, os sinais teofânicos da manifestação do Espírito, mormente no Pentecostes, revelam o seu poder cósmico e remetem à tradição escriturística da Criação e ao mesmo tempo aludem à erupção da força criadora da Trindade. A teologia de Atos está estreitamente vinculada àquela do Antigo Testamento, sobre a tradição da Criação do Universo. Dá-lhe, entretanto, uma conotação nova e ampliada que pode trazer luzes para um percurso de compreensão ambiental.

Referir-se à 'nova criação' não significa conceber uma criação diversa e totalmente nova. Mas ao dinamismo criador, constante e infinito da Trindade. É a mesma e eterna criação. É a Força renovadora da qual a Criação está imbuída e que é haurida da própria Essência Criadora.

O aspecto primordial da Nova Criação é a restauração de todas as coisas em Cristo, por força do Espírito Santo. Neste conceito estão condensadas noções de criação, redenção e realidade universal, de reequilíbrio cósmico e escatológico, de *parusia*, de *kairós*. Nova Criação é uma ecologia mística. Dá uma visão de que todo o universo pertence ao Reino da Trindade. Esta é, ao que nos parece, a visão de São Fran-

cisco: ele sente o mundo confraternizado com o Espírito.

O Ocidente cristão tem a clareza da encarnação do Espírito, no entanto temos dificuldade de perceber a habitação do Espírito no mundo e em todas as coisas. O Espírito arma sua tenda, então ele habita não só em Maria, mas no mundo e na natureza. "O Espírito dorme na pedra, sonha nas flores, sente nos animais e pensa no ser humano". Ele é a grande força unificadora da criação. Por isso nós temos que intensificar esta concepção que leva a assumir o mundo não como objeto de nossa dominação, mas como irmão<sup>9</sup>.

Tratar da Nova Criação nos Atos dos Apóstolos é perceber, em suas entrelinhas, justamente o germen da atual reflexão teológica acerca da necessidade de restabelecer o equilíbrio universal, preservando-se a Vida. É irmanar-se a uma longa, ainda que minoritária, tradição eclesial de preocupação com o cosmos (com expoentes consideráveis na mística medieval como Francisco de Assis, Hildegarda de Bingen, Boaventura de Bagnoregio), e que receberá um delineamento especial nesse nosso século, desde Teilhard de Chardin, passando por Bernard Häring e se tornando uma das preocupações centrais da teologia contemporânea.

Em Francisco de Assis, é tão acentuada a visão vanguardista que o "poverello de Assis" transmuda a noção teológica tradicional de dominação em submissão. Exorta seus frades, ao irem pelo

<sup>9</sup> Boff & Mazzuco, 1999: 25.

mundo, que se façam submissos a toda criatura<sup>10</sup>. Muito explícito o texto: submissos a toda criatura! Um olhar em que se resgata a dignidade da criação e ao mesmo tempo percebe o ser humano não como dominador e senhor, mas como irmão e súdito, integrado às forças cósmicas com as quais convive.

E esta compreensão de Francisco tem também um fulcro social: *subditi* – súditos ou submissos – é a condição dos *pauperes* – os pobres – lugar social escolhido por Francisco, cuja pobreza não é apenas categoria oposta à riqueza, mas também relativa a formas de poder. Equivale, pois, a um novo modo de pauperismo verificado na Idade média central, o sistema de *personae minores* – gente “desprovida das dignidades, funções, atributos e vantagens do poder”<sup>11</sup>. Francisco aspira a um modelo social de igualdade e fraternidade, em que o relacionamento cósmico é expressão de alteridade e de um amor entranhado ao Criador e à sua criação, como expresso no Cântico das Criaturas ou Cântico do Irmão Sol.

### **Um outro mundo é possível – mudanças de paradigmas e experiências alternativas**

Para se construir um saber ambiental, perpassado de uma nova ética e espiritualidade, requer-se uma mudança de paradigmas. Circunscrevemos esta mudança a alguns elementos primordiais:

- *Superar a univocidade das religiões monoteístas em prol do diálogo-* o sis-

tema exclusivo de crença das religiões monoteístas induziu também a criação de óbices de compreensão do diferente, do outro. A violência humana notada durante séculos nos conflitos religiosos é apenas uma das dimensões da violência resultante de uma visão unívoca, de quem se considera detentor de uma verdade exclusiva e inatacável<sup>12</sup>. A violência impetrada contra o meio ambiente é reflexo desta violência mais ampla, consequência de nossa maneira ambígua e compartimentada de compreender e assimilar as nossas verdades sem o concurso de um *consenso intercultural mínimo* e respeito às diferenças. Em outras palavras, na medida que nos abriremos a outras concepções, ao diálogo, às diferenças étnico-religiosas-cultuais, percebendo os elementos comuns, sobretudo os relativos ao amor e à compaixão, poderemos estabelecer um novo comportamento ético de superação de crises. A racionalidade ocidental, em moldes estritamente econômicos, individuais e cientificistas precisa ser substituída por uma nova ordem de valores, de resgate da totalidade das relações cósmicas, de prestígio ao universo cultural e simbólico, de respeito ao diferente, enfim uma nova percepção da existência. É cogente criar uma nova rede de relações em que as formas unilaterais cederão espaço à reciprocidade, de comunhão cósmica.

Nesta rede de relações as palavras ‘criar’, ‘manter’, ‘preservar’, e ‘tornar pleno’ ex-

<sup>10</sup> cf. Carta aos fiéis, 9:47.

<sup>11</sup> cf. Le Goff, 2001: 176-178.

<sup>12</sup> cf. Bingemer, 2004: p. 163-183.

pressam as grandes relações unilaterais, mas 'habitar', 'sofrer junto', 'participar', 'acompanhar', 'agüentar', 'alegrar-se' e glorificar são relações *recíprocas* que expressam uma comunhão cósmica de vida entre Deus, o Espírito e todas as suas criaturas<sup>13</sup>.

Até mesmo no âmbito da linguagem, portanto, propõem-se uma mudança, uma transformação que reflita uma verdadeira, sutil mas permanente revolução de comportamento, de modo de pensar, de forma de se relacionar.

- *A outridade, a solidariedade e a valorização do diferente* – algo que as tradições religiosas podem oferecer ao mundo é uma longa e riquíssima tradição de valores transcendentais, de elevação do homem à sua mais alta dignidade, diríamos, pois, de *humanização*. Valores como a compaixão pelo outro, a solidariedade, a partilha, o perdão estão na base de todas as grande religiões e espiritualidades universais. Todavia, não raras vezes foram desprezados ou descurados. Um saber ambiental e uma ética conseqüente passam necessariamente pela outridade, pela solidariedade e valorização do outro. "Nesse sentido, o saber ambiental emerge como um processo de revalorização das identidades culturais, das práticas tradicionais e dos processos produtivos das populações urbanas, camponesas e indígenas; oferece novas perspectivas para a reapropriação subjetiva da realidade, abre um diálogo entre conhecimento e saber no encontro do tradicional e do moder-

no"<sup>14</sup>. É preciso despir-se da pretensão de um saber totalitário, globalizante, e ao mesmo tempo compartimentado, de longa tradição entre nós ocidentais, desde Decartes. É um saber marcado pela heterogeneidade, pela articulação do diverso, pela integração do específico...

- *A espiritualidade em consonância com a dimensão cósmica* – não se trata propriamente de uma nova expressão de espiritualidade, mas descobrir no vasto e rico tesouro da tradição espiritual e religiosa do Ocidente e Oriente, elementos que permitem uma relação madura e de co-responsabilidade com o universo circundante. Sem dúvida, equivale a romper com a mediocridade de um sistema simbólico-religioso apoiado na dominação, na força, para encontrar-se com um sistema verdadeiramente fraterno, em que o homem e sua experiência de Deus não se configurem como o centro do universo, mas é antes uma experiência de reciprocidade entre o Absolutamente Outro – fonte e origem da Vida, o homem e todo o conjunto da criação. Algo como que recuperar a *magnanimitas*, grandeza da alma, verificada em Francisco de Assis, em sua nobre cortesia e submissão em relação ao criado, como também sucede entre os budistas.

- *Um novo modelo social e econômico – a importância conjunta da biodiversidade e da sociodiversidade*: uma nova ética e a espiritualidade demandam uma ação correspondente, serena e vigorosa. Impele a uma práxis coerente em que uma nova postura social apareça. Não se

<sup>13</sup> J. Moltmann, 1993: 34.

<sup>14</sup> Leff, 2002: 169.

pode pensar na proteção à biodiversidade sem associá-la ao respeito à sociodiversidade. São muito enriquecedoras e são modelos alternativos<sup>15</sup> as experiências das comunidades locais e/ou tradicionais – assim entendidas aquelas com estilos de vida tradicionais que “pelo fato de conviverem, ao longo de décadas e séculos (e, em alguns casos, até milênios), em estreita interdependência com a natureza e os recursos biológicos nelas encontrados, desenvolveram tecnologia e conhecimentos próprios acerca dos usos e serventias das plantas nativas”<sup>16</sup> e outras formas sustentáveis de utilização dos componentes dos recursos da natureza<sup>17</sup>, tais como os “povos indígenas e populações locais (caboclos, ribeirinhos, extrativistas, quilombolas, caiçaras, agricultores familiares....)”<sup>18</sup>.

O Fórum Social Mundial, acontecido em Mumbai, na Índia, trouxe-nos o alento de que um outro mundo é possível e que o sistema excludente do neoliberalismo começa a ser desafiado e enfrentado com criatividade, com muito sofrimento mas com muito empenho pelas comunidades pobres do mundo inteiro. Neste sentido ouçamos:

O Fórum Social Mundial critica radicalmente a globalização neoliberal. Denuncia a liberalização total do mercado como bússola para nortear a organização e o fundamento da socie-

dade, o Fórum ataca um modelo de desenvolvimento que divide, exclui e marginaliza; um modelo feito para o benefício de uma minoria, de 30% da população, sempre mais rica, protegida e poderosa; um modelo cujo único horizonte é o consumismo e a mercantilização de toda a vida; um modelo que destrói a humanidade, suas culturas e o *planeta-terra*; um modelo que leva a um impasse. Os arautos da absolutização do mercado sabem que nos levam a uma *catástrofe global*, mas a cobiça da riqueza e do poder os cega. Não querem mudar o rumo das suas políticas<sup>19</sup>.

Há que se buscar nova racionalidade social e econômica. O saber ambiental não se coaduna com o atual estágio de desenvolvimento político-econômico ocidental. É um desafio colossal, mas que precisa ser percorrido. Há entraves ideológico-institucionais. Mas sem uma mudança não há perspectiva de futuro viável:

A constituição de uma racionalidade social fundada nos princípios da gestão ambiental e do desenvolvimento sustentável passa por processos de desconstrução da racionalidade econômica dominante, bem como de transformações das instituições e dos aparelhos ideológicos que a sustentam e legitimam<sup>20</sup>.

<sup>15</sup> cf., p. ex., Barbieri, 1996: 43 e ss.

<sup>16</sup> Rocha, 2003: 439.

<sup>17</sup> cf. ib.: 433.

<sup>18</sup> cf. também Convenção sobre a Diversidade Biológica, art. 8j – cit. em Rocha, 2003, pp. 425 e 433.

<sup>19</sup> Lestienne, 2004: 153 – grifos nossos.

<sup>20</sup> Leff, 2002: 124.

A ganância desmedida precisa ser enfrentada pela solidariedade, pela criatividade, pela organização, pela comunhão. Estratégias como a de Wangari Muta Maathai, bióloga queniana, fundadora do movimento Cinturão Verde, prêmio Nobel da Paz de 2004, são extremamente significativas. Dos países periféricos, do "continente esquecido" brota a esperança, emergem soluções... é a Palavra de Deus a germinar entre os pobres e a se encarnar novamente na história dos homens.

- *Uma nova abordagem dos direitos numa perspectiva socioambiental, transindividual, coletiva*: a idéia de uma racionalidade ambiental implica uma nova concepção jurídica. Sabemos quão estreitos são os vínculos entre direitos e o Estado Moderno. Há uma relação intrínseca de legitimação e consubstancialidade que perpassam as estruturas sociais e o Direito<sup>21</sup>. O ordenamento jurídico é elemento de coesão e coerção social. Falar de transformação na órbita econômico-social é referir-se necessariamente a uma mudança de paradigmas no campo do direito. Somente uma perspectiva jurídica que releve o coletivo, o transindividual, que extrapole a tradição privatista, é capaz de responder às graves demandas sociais do nosso tempo. Uma concepção socioambiental do direito busca a proteção e a garantia dos interesses e direitos coletivos e difusos. Os ecossistemas, a biodiversidade, o patrimônio genético natural só podem ser protegidos se cuidarmos também da sociodiver-

sidade, de enfrentamento racional da miséria e da fome, de preservação do patrimônio simbólico-cultural, dos conhecimentos tradicionais.

O direito socioambiental deriva da "composição dos direitos sociais, culturais e ambientais":

É de destacar que quando falamos em direitos socioambientais não estamos *a priori* falando de um novo direito, mas revelando uma nova face de alguns direitos já consagrados na Constituição dando-lhes uma leitura integrada, complementar e porque não dizer sinérgica. *O caráter socioambiental é dado pela composição, mais do que mera complementação, entre os direitos sociais, culturais e ambientais. Trata-se da lente que percebe mais que a intersecção, a relação intrínseca entre a proteção e a valorização dos bens culturais, materiais e imateriais, assim como dos direitos sociais, e dos diferentes ambientes que os abrigam e permitem a reprodução física e cultural dos povos*<sup>22</sup>.

- *A esperança como motriz da espiritualidade* – uma espiritualidade só é fecunda quando grávida de esperança, quando gerada na esperança e quando gera esperança. Do contrário, todo o trabalho social cai na sensação de inutilidade, de desgaste desnecessário de energia, de perda de tempo e sentido. A esperança sucede mesmo contra toda desesperança. Num mundo mercantilizado,

<sup>21</sup> f. Habermas, 2003: 67 e ss.

<sup>22</sup> Rocha, 2003: p. 9 – grifo nosso.

de padrões de consumo e deterioração assustadores, de desprestígio do homem e da natureza, as ações sociais em vista de recuperação e proteção do meio ambiente só têm sentido se movidas por um forte sentido de fraternidade universal<sup>23</sup>, se fecundadas na esperança ou em vista da utopia, noção transfigurada da esperança para o moderno mundo descristianizado<sup>24</sup>. Abre-se aqui o que até alguns autores tem tratado como uma perspectiva escatológica do saber ambiental, uma relação entre ser e história para além da totalidade e do finito, uma experiência totalmente diversa, que ultrapassa o pensamento e instaura-se na reciprocidade como o absolutamente outro<sup>25</sup>. E é justamente uma espiritualidade consistente, arraigada, aquela capaz de trazer estes temas ao centro do nosso debate.

## Referências bibliográficas

ABREU JR., L. **Conhecimento transdisciplinar: o cenário epistemológico da complexidade**. Piracicaba (SP): ed. Unimep, 1996.

BARBIERI, E. **Desenvolver ou preservar o ambiente?** São Paulo: Cidade Nova, 1996.

**BÍBLIA TeB** (Tradução Ecumênica da Bíblia). Loyola, 1997.

BINGENMER, M. C. L. *Crer depois do 11 de setembro de 2001: atualidade da violên-*

*cia nas três religiões monoteístas*. In: **Convergência**, ano XXXIX, no.371, pp. 163-183.

BOFF, L.; MAZZUCO, V. *A Trindade, Francisco e a nova criação*. In: **Celebração do ano 2000 – Trindade- Nova Criação** – subsídios da Família Franciscana. Petrópolis: FFB/Vozes, 1999, p.14-28.

FIORES, S. verbete *Espiritualidade Contemporânea*. In: FIORES, S.; GOFFI, T. (org.). **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1989, pp. 340-357.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LE GOFF, J. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LÉVINAS, E. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_ **Totalidade e infinito**. Lisboa: ed. 70, 1997.

LISTIENNE, B. *Além de Mumbai, Índia, o Fórum traz esperança*. In: **Convergência**, ano XXXIX, no.371, pp. 152-162.

MOLTMANN, J. **Deus na criação: doutrina ecológica da criação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993.

PIANA, G. Verbetes *Esperança*. In: FIORES, S.; GOFFI, T. (org.). **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1989, pp. 333-340.

ROCHA, Ana Flávia org. **A defesa dos direitos socioambientais no Judiciário**.

<sup>23</sup> cf. *Cântico das Criaturas* de São Francisco de Assis.

<sup>24</sup> Sobre a assunção do termo utopia como sucedâneo de esperança na filosofia moderna, por conta da descristianização do saber, cf. G. Piana, 1989: 333-340.

<sup>25</sup> cf. Leff, op. cit.: 176 e Lévinas, 1980 e 1997.

São Paulo: Instituto Sociambiental, 2003.

São Francisco de Assis. **Escritos**. Trad. Frei Dorvalino Fassini et al. Santo André (SP). Editora Mensageiro de S. Antonio, 1999.

SPINSANTI, S. verbete *Ecologia*. In: FIORES, S.; GOFFI, T. (org.). **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1989, pp. 293-302.

VV. AA. **Escritos e biografias de São Francisco, crônicas e outros testemu-**

**nhos do primeiro século franciscano**. Petrópolis: Vozes, 1988.

Marcio Henrique Pereira é frade e presbítero franciscano, trabalha na formação de noviços, bacharel em Direito pela Unesp/Franca, mestre em Linguística pela Unesp/SJRP, onde desenvolveu estudo sobre a compreensão dos termos jurídicos, e doutorando em Política Social pela UnB, em que desenvolve o tema da relação entre direito ambiental e políticas públicas.

Endereço do Autor:

Cx. Postal 69 – CEP 75701-970 – Catalão – GO

e-mail: marcorique@unb.br

QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE

- 1- A minha comunidade alimenta uma espiritualidade integral, de comunhão e cuidado com a Criação? Fomentamos entre nós reflexões, linguagem, condutas capazes de sensibilizar-nos e a outros da importância do 'saber ambiental'?
- 2- Que práticas coletivas alternativas adotamos em vista de relações sociais autênticas, compreensivas da totalidade da existência, e que promovam a vida como um todo?
- 3- Preocupamo-nos com os direitos das futuras gerações a um ambiente saudável? Desenvolvemos uma ética conseqüente em relação ao universo, de reciprocidade e de resistência à mercantilização das criaturas?

“O renovado interesse espiritual de nossa época brota de profundas exigências de autenticidade, de dimensão religiosa, de interioridade e de liberdade, que não satisfaz a sociedade consumista.”



CRB

Impresso  
Especial

050200140-2/2002 - DR/RJ

CRB

...CORREIOS...

## *Quadro Programático da CRB 2005-2007*

### *Horizontes*

1. Uma espiritualidade evangélica que potencialize para o testemunho da partilha, para a profecia e anúncio missionário, e para acolher as mudanças necessárias, frente aos novos tempos.
2. Vida Consagrada como sinal do Reino de Deus na opção preferencial, audaciosa, solidária e transformadora pelos empobrecidos e excluídos.
3. Afirmação da identidade da Vida Consagrada no seu compromisso e missão com a causa da justiça, da paz, da reconciliação, sendo esperança para a vida do mundo, no seguimento de Jesus.
4. Vida Consagrada como espaço de novas relações, particularmente de gênero, de etnias, de gerações e ecológicas.

### *Prioridades*

1. Avançar na construção de alianças intercongregacionais na formação, missão, projetos comuns, e em parceria com organizações afins.
2. Dinamizar o processo formativo para ser presença profética e testemunha de esperança diante dos desafios da realidade de hoje.
3. Assumir as interpelações das novas gerações em seus dinamismos, exigências e potencialidades.
4. Incentivar a vida fraterna e sororal em comunidade como espaço de testemunho evangélico, na interculturalidade.
5. Cultivar uma mística enraizada na Palavra de Deus como fonte de coragem para responder aos desafios atuais.
6. Resgatar de forma criativa a inserção em meios populares, bem como a missionariedade em regiões carentes, no mundo urbano, ad gentes e em realidades emergentes.

### *Realces*

1. Potencializar uma formação humanizante com particular atenção aos desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada.
2. Fomentar uma economia solidária e partilha de recursos humanos e materiais, em vista de um testemunho mais efetivo.
3. Buscar a comunhão com a CNBB, a integração com a CLAR e o diálogo com as novas formas de Vida Consagrada.
4. Cultivar a consciência crítica e o discernimento evangélico que tornem a Vida Consagrada capaz de posicionar-se com determinação diante das situações de injustiça na sociedade.
5. Dar prosseguimento ao processo de sensibilização da Vida Consagrada para questões emergentes, de modo particular vindas da juventude e as novas formas de animação vocacional.
6. Ajudar as congregações e institutos em suas análises institucionais, em vista da refundação.